

ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

NA
PONTA



EDIÇÃO 03

2014

DA
LÍNGUA

COMPILAÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS
PUBLICADOS NO ANO LETIVO 2013/2014

ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

NA PONTA DA LÍNGUA

A paixão de comunicar

A terceira coletânea da obra “Na ponta da língua”, respeitante ao ano letivo de 2013/2014, prossegue o esforço de incentivo à escrita e à leitura entre os nossos alunos, apoiando a edição e a publicação de textos de livre criação, estimulando, assim, a criatividade que forja a individualidade e a realização pessoal do aluno.

O “Na ponta da língua” encoraja a participação social dos nossos alunos nos vários ambientes em que se integram, particularmente na vida escolar, levando-os a assumir uma atitude crítica, interventiva e responsável no seio da comunidade.

Escrever criativa e responsabilmente é construir e exercer uma cidadania ativa e comprometida com o sucesso da comunidade.

António Lopes
Editor

EDIÇÃO 2013/2014
LÍNGUA

COMPILAÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS
PUBLICADOS NO ANO LETIVO 2013/2014

NA
PONTA

POESIA

Sonhar	9
De luto	10
Visionário	11
O Ciclo da Vida	12
Esperança	13
Não há tempo a perder	15
Marujo	16
Sonho	18
Olho a gaveta	19

PROSA

A verdade das aparências	22
E o mundo acabará cego	24
Os bota-abaxo	27
A vitória da inércia	29
Sermão às pedras da calçada	32
Sermão às pedras da calçada - parte 2	37
Sermão às pedras da calçada- parte 3	41
As jóias raras	44
Manifesto contra a apatia	45
Pensa em ti e no teu futuro	48
(Re)enriquecimento da nossa língua	49
Nem tudo são rosas	51
O meu irmão	53
As idiossincrasias da mentira	54
Todos diferentes todos iguais	56
A falácia que ninguém quer ver	58
A viagem de Francisca	61
Utopia	62
O pior dos cegos ou a tristeza do quasi-ver	64
Tratado da arte do amorfismo a toda a calma	67
O dia da mudança	69
O Sonho	72
Poesia visual	73

Júlia Panguane	
Miquel Padrão	
Luana Cardoso + Ricardo Melo + Miquel Santos	
Cristiano Pais + Lara Gonçalves + Edgar Lourenço + Leila Palmeirim + Rahit Sacarlal	
Miquel Padrão	
Marta Pedroso + Matilde Couto	
Miquel Padrão	
Ana Lucia	
Miquel Padrão	

Miquel Padrão	
Jessica Magaia	
Miquel Padrão	
Vanessa Major	
João Santos	
Miquel Padrão	
África Cuna	
Miquel Padrão	
Hugo Santos	
Miquel Padrão	
Francisca Rafoa	
Miquel Padrão	
Guilherme Pessoa	
Vanessa Jonas + Mónica Barbosa + Sandra Marques + Liria Thorogood	

EDIÇÃO 03
2014

COMPILAÇÃO DE TÍTULOS DA
PUBLICAÇÃO ANUAL DO CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA
DE MOÇAMBIQUE - 2012/2013



POESIA

SONHAR

Para mim sonhar é imaginar
É nunca acordar.
Querer viajar
E tudo alcançar
Porque quando sonho o tempo posso prolongar

Sonhar para mim é pular e avançar
Como um foguetão no ar
Um avião na cabeça a voar
Talvez o sonho se vá realizar
É esperar por outro sonho que me venha abraçar

No sonho estou a flutuar
Como uma nuvem no ar
Saber sonhar é pensar e saber esperar.
Sonhar e desejar uma coisa até parar.
No sonho o mundo vai rodar e tu vais imaginar.



Júlia Panguane (4.º A)

DE LUTO

Descerro-lhe os tégidos olhos cansados
De lágrimas forrados, de mágoas cravejados
Retiro-lhe o jugo das costas cansadas
De anos de combates vergadas

Deito-a no seu branco e puro leito
De imaculada seda tecido e bordado
Mais puro que a láctea substância celeste.
Ela não pertence aqui, mas sim ao passado

Lanço-lhe um olhar, de relance
Vejo grandeza, poder, altivez
Mas também um profundo transe
Que de negro lhe pinta a tez

Tarde de mais me inclino
Tarde lhe toco a face.
Tarde lhe sinto o frio
Tarde saberei a verdade

A minha alma foi levada.



Miguel Padrão (11.º A1)

VISIONÁRIO

Sem se saber ao certo em que ano nasceu,
Eis um mistério que prevaleceu,
Mas poeta era o que queria ser,
Não tinha nada a perder.

Muitas experiências viveu,
Navegando por um mar de sofrimentos
Nunca a sorte o escolheu,
Rodeado de tormentos
A natureza era o que mais gostava,
Mas outros sentimentos prevaleciam,
O AMOR, A SAUDADE, O DESENGANO
Cadenciavam a sua poesia.

Mesmo sem um olho,
Via mais do que milhões
- Quem poderá ser?
- Está certo..
- É o génio
...Luis Vaz de Camões



Miguel Santos (10.º A2)



Ricardo Melo (10.º A2)

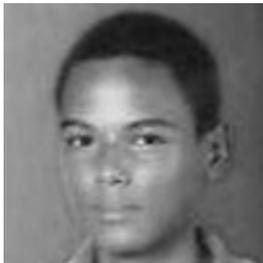


Luana Cardoso (10.º A2)

O CICLO DA VIDA

Um uivo numa noite de luar.
Um lobo desejoso de encontrar
algo para saciar
a sua fome faminta.
Dirigiu-se, então, a uma quinta.
Parou, cheirou e levantou as orelhas,
lá no fundo viu ovelhas.
Dirigiu-se a elas,
pois nos seus olhos eram belas.
Aproximou-se e com uma dentada
...pronto!
Estava mais uma morta e calada.

12



Cristiano Pais (10.º A2)



Lara Gonçalves (10.º A2)



Edgar Lourenço (10.º A2)



Leila Palmeirim (10.º A2)



Rahit Sacarlal (10.º A2)

ESPERANÇA

Lá longe, fim do mar
Frio, agreste, a rebentar
Vê-se uma luz esperançosa
Esverdeadamente receosa

Triste e gelada de medo
Lentamente rutila e sua
Ora fásca tarde, ora cedo
Escorre na própria imagem nua

Um azul tenebroso
Abafa a pobre luzinha
Abana-a e, mareando manhoso
Arrasta a pobre sozinha

Mas aí, milagre certo
Quanto mais fundo, mais perto
de nós parecia a luz brilhar
acendia submersa
refulgia ao luar

Quando para baixo a forçavam
Ela sem nada temer
mergulhava e, bem imersa
Fazia o colosso tremer

Inflamou-se-lhe a alma
saltou-se-lhe o coração
Todo o mar estava feito
Num imenso, lento clarão

Qual nafta em combustão
A todos maravilhou
Num espetáculo p'rá visão
Certo é que jamais cessou

E a luzinha, leda e triste
Continuou em posição
Sempre atenta, pavio em riste
nunca a silenciarão



Miguel Padrão (11.º A1)

NÃO HÁ TEMPO A PERDER

Ler é viver
No mundo da imaginação,
Onde tu podes ser
O herói ou o vilão!

Ler é crescer
Neste mundo cruel,
Ensina-nos a ver
Para além do papel.

Ler é saber
Os pensamentos dos sábios,
É conseguir entender
Os gestos involuntários.

Ler é sentir
O ardor das palavras,
É deixar conseguir
A imaginação tomar asas.

Então, fica a saber,
A vida não para de correr,
Não há melhor do que ler,
Por isso não há tempo a perder.



Marta Pedroso



Matilde Couto

MARUJO

No alto oceano, à bolina
Navega uma nau abandonada
sem rumo certo, ensalitrada
penosamente se arrasta à deriva

A bordo segue, lívido e ressequido
mor, solenemente enfaixado
um esperançoso convertido
desolado incensador do Passado

Terr'à vista, terra Crente
Grita o gageiro nela vidrado
Mas já se finou o lívido acamado
Soltando um breve olhar plangente

Quem de su'alma cuidará?
Que lágrima por ele escorrerá?
Que companhia o poderá velar
Salvo vós, peixes d'alto mar?

Deu-lhe uma apoplexia
dirão todos sem crer
quanta leda, sã ataraxia
daquela face tendia a escorrer

Pobre sonhador vão
que nas revoltas águas flutua
Pobre alma esperançosa, pura
que de estocada perdeu o coração

Não mais verá terra ou pisará
os brancos campos natais
jamais deambulará ao Deus d'ará
nem verá filhos, parentes, pais

Parte só, deixa a saudade
do distante passado irrepitível
de dias inundados da bondade
que só aos justos é possível

Será o mar sua eterna tumba
numa salgada imensidão
que, se a sua pureza não afunda
nas águas se dissolve a canção

de puro pesar, nostalgia
de nojo desencantado
mais que choro de amor, simpatia,
hino a um companheiro tombado



Miguel Padrão (11.º A1)

SONHO

Sonho com a escuridão, com o amor, desejo e o ódio.

O Azul do mar, a sonhar com o vento a deslizar.
O amor é liberdade a brilhar!

Vejo o sol no ar, e o brilho do luar.
Amar é esmorecer no mar.
Sinto saudades do amor, da paz.
Sinto-me numa escuridão.
Com o amor a flutuar no vale do rio.

Para amar é preciso coragem!
Sonho nas montanhas com a paz do amor!
Sinto que o meu coração esmorece quando sonha
com a liberdade, a paixão.

O azul do mar ficou negro, o amor, a paixão, a paz
e a felicidade.
O brilho dos olhos esmorece pois tudo foi
queimado pelo fogo.
O luar com as estrelas já não existe.
Uma noite sem estrelas não brilha no meu
coração.

Pouco a pouco a terra deixará de sonhar.
Não veremos no ar aves a voar.
Com medo, tudo o que se sonhou será
consumido pelo medo que o amor me causou.



Ana Lúcia (7.º B)

OLHO A GAVETA

Olho a gaveta, torpe e consternado
Pesa-me a escolha, de coração
passando o receoso olho enublado
escolho, ledado de ânsia, a definição

Incessantemente escrevinho
desbravando a sensação
de repente porém adivinho
se me amesquinhar a ambição

Lividamente relanceio a folha
que grita amor, atroa coração
E logo se desfaz a escolha
de tentar versar esta noção

Como sequer ousei perguntas
ousar procurar a afeição
que apenas três letras juntas
atingem na perfeição

Mãe é mãe, mãe é tudo,
mãe é vida, mãe é o mundo
Um sorriso, um sonho carnudo
è a luz no escuro profundo

Nunca jamais a agrilhoarão
à encantadora jaula de domesticação
Que lhe montamos nas palavras
Prendendo-a à vã definição:

Cada um dará a sua
Todas transcenderá
No fundo, na essência nua
Mãe apenas Mãe será
Feliz dia da mãe



Miguel Padrão (11.º A1)



PROSA

A VERDADE DAS APARÊNCIAS

Já nos diz há muito o saber empírico que as aparências iludem. Nem tudo o que parece é, nem tudo o que nos é dito deve ser passivamente aceite, nem sempre podemos não olhar o dente ao cavalo que nos é dado.

Concretamente, falo da situação síria que, sucintamente, é um nó Górdio que ninguém deseja tentar desatar, mesmo face a massacres tão bárbaros e violentos como os das últimas semanas. Não considero pertinente atuar já contra uma ou outra facção conflituante, uma vez que ainda decorrem averiguações, por parte das autoridades competentes, com vista a apurar responsabilidades e a decidir qual a atuação mais correta. Contudo, também penso não ser de todo inteligente ser levado pelo histerismo coletivo que se apodera da sociedade, afirmando que os ocidentais não se devem "meter" nos assuntos que não lhes dizem respeito. Afinal, no mundo atual, cada vez mais globalizado, interligado e interdependente, nenhum país é uma ilha, ninguém sobrevive isolado, não existe isolamento possível face à crescente influência de certos lóbis, nem face às cada vez mais omnipresentes cadeias noticiárias que, graças ao Big Brother atual, tudo sabem instantaneamente, tendo inclusive poder para se imiscuírem nas vidas privadas de qualquer um, vasculharem os segredos mais classificados do interior da mais - supostamente - inexpugnável fortaleza ou intervirem em defesa dos seus interesses nas mais altas esferas globais. Deste modo, cada vez mais cabe ao cidadão, que se pretende informado e instruído, fazer o seu próprio juízo: como acima foi referido, nem tudo o que parece é; cada vez mais a intenção da comunicação social é moldar a opinião em vez de ajudar a criá-la, cada vez mais tendenciosas são as notícias que, anteriormente, primavam pela imparcialidade, cada vez menos são as personalidades desinteressadas que se mantêm no mundo da informação. Sim, porque, convenhamos, são cada vez mais as declarações de interesse nos dias de hoje; cada vez mais influentes os grupos de pressão; cada vez mais difícil é a resistência a estes e cada vez menos são as notícias livres de uma mensagem implícita.

Assim, é cada vez mais importante o papel de uma sociedade civil crítica, com personalidade e que saiba questionar quando tal se exige. A inanição mediterrânica é, nestes casos, uma grande desvantagem, se não for mesmo uma característica a ser combatida: tem de se exigir aos políticos que cumpram as suas promessas, têm de se escrutinar as contas e os gastos de todos e, mais importante de tudo, tem de se refletir antes de se votar. Sim, ou não fosse o voto a arma do povo, este deve ser bem empregue: não devemos ser influenciados por contos do vigário, não devemos acreditar em promessas vãs e não podemos aceitar que uma política de farra, despesismo e desorganização seja seguida. Em nenhuma instituição, seja uma associação, uma escola, uma empresa ou um país. Sob pena de, quando descobirmos qual o caminho que realmente trilhámos, já seja tarde demais para o inverter, para inverter a inevitável queda no abismo que espera uma instituição mal gerida.

Finalmente, há que lembrar as escolas: mais do que ensinar a tabuada, mais do que formar autómatos sem espírito crítico e desprovidos de substância intelectual, cabe às escolas um dos principais papéis na formação destes cidadãos, os futuros cidadãos. Assim, no mundo de hoje, urge formar cidadãos participativos, proativos, críticos e com uma mentalidade aberta. Cidadãos de futuro, prontos a enfrentarem os desafios do futuro. Porque, não nos iludamos, a História não tem piedade dos que se atrasam em futilidades. E nós não nos podemos atrasar, não mais uma vez.



Miguel Padrão (11.º A1)

E O MUNDO ACABARÁ CEGO

24

Num mundo cada vez mais interligado, tudo se sabe rápida, quase instantaneamente. Uma notícia, que há dois séculos demorava quatro dias a cruzar pouco mais de 100 quilómetros (como no caso da Batalha de Waterloo, que ocorreu a 18 de junho de 1815, na Bélgica, e de que os londrinos só souberam dia 22 do mesmo mês), hoje chega ao antípoda do acontecimento em segundos, o que permite a formação de gerações cada vez mais informadas e atualizadas acerca dos problemas que o seu mundo enfrenta, por sinal, também cada vez maiores.

Assim, urge capacitarmo-nos que todos nos tornamos "embaixadores" dos nossos concidadãos, dos nossos iguais, de todos quantos nos assemelhamos ou com os quais nos relacionamos. Se a atual facilidade de acesso à informação gera, frequentemente, mal-entendidos, é obrigatoriamente neste quesito, uma vez que é esta mesma informação, muitas vezes supérflua e falaciosa, que nos leva a generalizações infelizes, estereótipos que já não têm lugar no nosso século ou preconceitos infantis. É tão importante a forma, que muitas vezes se renega o conteúdo para segundo plano.

Seria importante insurgir-nos - a sociedade - contra esta tendência de estupidificação crescente, se quisermos viver num mundo mais aberto, tolerante e compreensivo. Creio não existir exemplo mais gritante que o da verdadeira novela que conheceu o seu já esperado desfecho, esta semana, que envolve a violação e homicídio de uma jovem indiana em dezembro do ano passado e a subsequente busca e julgamento dos respetivos culpados, no que não passou de uma caça às bruxas mal encenada e que apenas fez crescer no Ocidente o estereótipo do indiano inculto, de baixo rendimento, preso a um sistema desatualizado de castas e a uma noção igualmente atrasada de igualdade de género, algo que NÃO CORRESPONDE, nem de perto nem de longe, À REALIDADE.

Pelos vistos, a justiça indiana, após um célere julgamento - a César o que é de César, apesar dos pesares - condena à morte os culpados por tal barbárie. Os indianos regozijam. A comunidade internacional cala-se ou aplaude. E lava-se o sangue de uma morte... com mais sangue.

Há que, antes de mais, abrir um pequeno-grande parêntesis para reforçar a brutalidade - diria mesmo bestialidade - do ato: revelando nada menos, nada mais que o mais baixo que o Homem

pode atingir, um grupo de transeuntes estupra uma rapariga a bordo de um autocarro, agride-a com uma barra de ferro e atira-a borda fora, no que se assemelha ao argumento de uma tragédia grega, só que sem a presença de qualquer nobreza nas personagens nem arte na narração. Como tal, este ato bárbaro, primitivo, instintivo, merece, obrigatoriamente, uma condenação bastante pesada, que sirva de exemplo para outras tentativas. Qualquer tratamento, menos a pena de morte.

E questionarão os leitores: porque não a pena de morte? Não será o melhor "tratamento" a ser dado a tais criaturas, cuja capacidade para a vileza é inimaginável, cuja corrupção, sob todos os sentidos, é intratável?

Assertivamente não. Afinal, o que ocorreu na Índia não passou de um julgamento popular, cujo término não foi um linchamento - será a força. O que por um lado foi positivo: acordou a sociedade indiana para o problema gritante que são as violações e a (des)igualdade de género, além de ter influenciado a aprovação de leis importantíssimas na luta contra este flagelo e ter renovado a esperança de organizações não-governamentais, personalidades públicas e, especialmente, de milhões de indianas, de que algo poderia mudar. Contudo, também influenciou - e muito - o julgamento em curso. Não conheço pormenores sobre o processo judicial, muito menos possuo dados que me permitam justificar o estranhamente elevado número de violações existentes na Índia. No entanto, todos sabemos que as reações a quente raramente nos darão motivos para regozijar num futuro próximo. E esta não será exceção, pois pode ser mais correta por diversos motivos, mas não é a mais importante, e apenas por um motivo.

O perdão. Por mais difícil que pareça, esta é a única solução viável para os indianos. Apenas a reconciliação deste país, que nos últimos meses encetou tão mediática dramatização, consigo próprio poderá alguma vez ajudar a resolver este problema, que creio ser mais profundo que na grande maioria das outras nações. Assim, mais derramamento de sangue será inútil, pois não servirá em nada para diminuir o sofrimento das indianas estupradas, para as quais esta cruzada mediática não passa de uma longínqua salvação, que sabem que nunca atingirão. Só uma pena exemplar, mas sem derramamento de sangue, permitirá alguma possibilidade a estas mulheres, afastadas dos bastidores do mundo, mas cujo choro sufocará, mais cedo ou mais tarde, a Índia, de vergonha.

Mais quatro cordas esticadas não resolvem nenhum problema. Poderão aplacar a raiva da

família da defunta, mas nada farão em prol das restantes perseguidas por este pesadelo. Em relação a isso, apenas uma mudança de mentalidade salvará a Índia. Mas quanto ao presente, há que impedir esta cegueira do mundo, que, afinal, não aproveitará a ninguém.



Miguel Padrão (11.º A1)

OS BOTA-ABAIXO

«Aqueles que não fazem nada estão sempre dispostos a criticar os que fazem algo.»

Oscar Wilde

Como ligar um país ao mundo, nos dias de hoje? Eventualmente, construindo estradas, portos, meios de comunicação, investindo nas tecnologias, no mercado de trabalho global. Haverão, certamente, milhões de formas de nos tornarmos mais cidadãos do mundo e de sairmos da nossa redoma, quantidade apenas suplantada, em número e importância, pelos motivos para o fazermos. Contudo, estruturalmente, há um investimento mais necessário a ser realizado, maioritariamente, para o bem das gerações futuras. O ensino da Língua Inglesa.

Não nos enganemos: o alemão pode abrir oportunidades de emprego, bem como o mandarim, o castelhano ou o francês; a aprendizagem de qualquer uma destas línguas traz fortes, enormes vantagens para o seu falante, além das suas principais funções - servir de veículo de comunicação, permitir-nos a abertura de novas e maiores oportunidades, novos e diferentes mundos, novas e surpreendentes realidades. Contudo, a língua de Shakespeare suplanta todas as restantes em três requisitos fundamentais para o seu atual estatuto de língua rainha da globalização: por um lado, a sua difusão universal e o poder dos países nos quais é língua oficial - como o Reino Unido e os Estados Unidos da América -, o que faz dela um requisito obrigatório para a diplomacia, comércio ou qualquer área de vanguarda nos dias de hoje. Por outro, o número de falantes - é a segunda língua materna mais falada "nativamente", além de ser a língua mais falada por segundos falantes, universalmente -, fator importantíssimo numa língua qualquer. Finalmente, as possibilidades de emprego e as facilidades que, um pouco por todo o mundo, esta língua nos traz.

Assim, conclui-se facilmente que qualquer Estado digno desse nome não se pode permitir a deixar os seus cidadãos privados desta ferramenta, devendo, aliás, fomentar a sua aprendizagem e o seu uso - desde que não em detrimento da sua língua nacional - para conseguir uma integração destes num mercado de trabalho que - sinal dos tempos - é cada vez mais global.

O caso português é um bom exemplo: a situação atual do país, da Europa e do Mundo em geral dever-nos-ia levar a apostar nesta mais-valia fundamental, em particular para um país que se quer mais exportador, ativo e aberto. Como tal, apenas podemos regozijar com a

mudança, nos exames nacionais do nono ano, que adiciona o Inglês como uma disciplina de exame ou, mais concretamente, "teste diagnóstico" obrigatório. Há que abandonar o "medo" dos exames, mediante a sua regularização, e vê-los não como um bicho papão, mas como um elemento de avaliação, não só de alunos, escolas e professores, mas, principalmente, dos programas das disciplinas. Deste modo, este exame será importantíssimo para avaliar as competências dos alunos no término do ensino básico e para permitir uma eventual revisão do programa curricular da disciplina.

Mas não só devemos regozijar com esta notícia, como também com o facto de, ao contrário do dito pela oposição de esquerda, aliás, bastante cautelosa na escolha das suas fontes (ou não fosse o Correio da Manhã o diário com maior tiragem do nosso cinzento retângulo), ter sido incluído, facultativamente, o ensino do Inglês nas atividades curriculares, ao contrário do que foi dito e jurado por muitos.

Assim, conclui-se que estamos no bom caminho. Não, não será o melhor caminho para o facilitismo, para as progressões administrativas e para as médias espalhafatosas. Este nunca foi o caminho escolhido por este executivo, que sempre defendeu o rigor e a exigência. Pois, só com rigor e exigência, voltaremos a entrar nos eixos, só com trabalho nos reerqueremos. Haverão grandes contradições em algumas ações deste Governo e, em particular, deste Ministério? Com certeza. Não será necessário moderar a exigência em alguns graus de ensino e em algumas disciplinas? Certamente. Não é urgente proceder-se a outras importantes medidas neste campo, que apenas não foram tomadas para não contrariar alguns grandes interesses? Obviamente. Mas, afinal, não houve progressos nos últimos anos? Claramente que sim. Contudo, ainda não me vendi totalmente à política educativa do atual Ministério: afinal, o Inglês ainda não foi considerado obrigatório no primeiro ciclo, muito embora todas as alterações a esse respeito.

É essa assertividade que falta. É essa assertividade que distingue os Homens dos outros. E, atualmente, aproximamo-nos, perigosamente, dos segundos. Pobres, pouco competitivos, isolados, analfabetos, mas politicamente corretos.



Miguel Padrão (11.º A1)

A VITÓRIA DA INÉRCIA

"O que torna um sonho irrealizável é a inércia do sonhador"

Anónimo

No momento da escrita desta crónica terminou já o impensável, intolerável e desumano sequestro num dos mais luxuosos centros comerciais quenianos, começado no sábado passado e mal-terminado na terça-feira passada. Entretanto, há a lamentar 70 mortos, entre os quais vários estrangeiros, inclusive o famoso poeta ganês Kofi Awoon, junto com um número indeterminado e crescente de feridos, graves erros de liderança, logística e atuação que rapidamente se acumulam para nos permitirem considerar esta uma das piores, senão a pior, operação de resgate de reféns do século atual.

Infelizmente, e apesar da maior surpresa das autoridades de Nairobi, este triste episódio já era há muito expectável, numa área do Globo terrivelmente famosa pela sua constante instabilidade e ingovernabilidade. Não nos iludamos: todo o Corno de África é uma região falhada, muito embora as recentes intervenções americanas e europeias e a manutenção de uma frota coligada ao largo da costa somali e apesar de todo o apoio financeiro à Etiópia, Quénia e Sudão, mesmo com as megalómanas campanhas de combate à fome na Somália, Etiópia e Sudão do Sul. Tristemente, a pobreza, a miséria, a corrupção, o fundamentalismo, o terrorismo e os conflitos bélicos continuam a ser o dia-a-dia da região, que se mantém um verdadeiro cancro numa África que, apesar dos revezes sofridos, se esforça para se desenvolver e atingir patamares económicos, sociais e demográficos aceitáveis. Não era, assim, de todo inexpectável o que veio a decorrer na fatídica tarde de sábado passado. Contudo, mesmo não sendo totalmente inesperado, há que tirar algumas conclusões do ocorrido, com vista a minorar a possibilidade de futuros incidentes como este, um verdadeiro banho de sangue inútil, apenas mais uma página no pútrido livro do fanatismo religioso e da falta de diálogo.

Assim:

I- As autoridades quenianas devem, facilmente, retirar uma conclusão: não continuarão a atuar na Somália impunemente ou, ao menos, sem sofrer represálias de milícias extremistas, eventualmente no seu próprio território. Que tal não amedronte o governo queniano, muito menos o seu honrado e corajoso povo: chorem os mortos, com todas as lágrimas dos Justos e com todo o apoio do Mundo, tratem dos feridos, com todas as facilidades que a medicina atual

No momento da escrita desta crónica terminou já o impensável, intolerável e desumano sequestro num dos mais luxuosos centros comerciais quenianos, começado no sábado passado e mal-terminado na terça-feira passada. Entretanto, há a lamentar 70 mortos, entre os quais vários estrangeiros, inclusive o famoso poeta ganês Kofi Awoon, junto com um número indeterminado e crescente de feridos, graves erros de liderança, logística e atuação que rapidamente se acumulam para nos permitirem considerar esta uma das piores, senão a pior, operação de resgate de reféns do século atual.

Infelizmente, e apesar da maior surpresa das autoridades de Nairobi, este triste episódio já era há muito expectável, numa área do Globo terrivelmente famosa pela sua constante instabilidade e ingovernabilidade. Não nos iludamos: todo o Corno de África é uma região falhada, muito embora as recentes intervenções americanas e europeias e a manutenção de uma frota coligada ao largo da costa somali e apesar de todo o apoio financeiro à Etiópia, Quénia e Sudão, mesmo com as megalómanas campanhas de combate à fome na Somália, Etiópia e Sudão do Sul. Tristemente, a pobreza, a miséria, a corrupção, o fundamentalismo, o terrorismo e os conflitos bélicos continuam a ser o dia-a-dia da região, que se mantém um verdadeiro cancro numa África que, apesar dos revezes sofridos, se esforça para se desenvolver e atingir patamares económicos, sociais e demográficos aceitáveis. Não era, assim, de todo inexpectável o que veio a decorrer na fatídica tarde de sábado passado. Contudo, mesmo não sendo totalmente inesperado, há que tirar algumas conclusões do ocorrido, com vista a minorar a possibilidade de futuros incidentes como este, um verdadeiro banho de sangue inútil, apenas mais uma página no pútrido livro do fanatismo religioso e da falta de diálogo.

Assim:

I- As autoridades quenianas devem, facilmente, retirar uma conclusão: não continuarão a atuar na Somália impunemente ou, ao menos, sem sofrer represálias de milícias extremistas, eventualmente no seu próprio território. Que tal não amedronte o governo queniano, muito menos o seu honrado e corajoso povo: chorem os mortos, com todas as lágrimas dos Justos e com todo o apoio do Mundo, tratem dos feridos, com todas as facilidades que a medicina atual oferece, mas mantenham-se firmes, pois só a sua firmeza permitirá a excisão deste tumor;

II- Aos líderes mundiais, há-que manter a ofensiva contra a Al-Qaeda e seus associados; ao contrário do que por vezes se afirma, estes atentados apenas reduzem a influência dos perpetradores junto do Homem comum, horrorizado com a vileza das ações e com a baixeza de espírito; apenas homens, de má-fé e conduta duvidosa, se vêm inspirados por morticínios

semelhantes. Posto isto, está a aproximar-se a hora final para todos estes movimentos, cuja base é a ignorância humana e o aproveitamento da sua Fé natural, da sua aversão ao diferente e ao novo, do seu pressuposto de superioridade, para a perpetuação da sua pérfida doutrina. Assim, não podemos vacilar: urge dar a machadada final aos últimos bolsões de resistência, para esterilizarmos, de uma vez por todas, esta vil corja de assassinos;

III- Finalmente, considero que esta poderá ser uma das últimas ações do terrorismo islâmico liderado pela supracitada Al-Qaeda, bastante enfraquecida nos últimos anos pelas ações ocidentais, que abateram ou capturaram a grande maioria da sua cúpula de decisão, criando, assim, algumas cisões internas na organização, cujas cada vez mais desorganizadas atuações apenas comprovam.

Contudo, o mal ainda possui extensas raízes, não tendo sido sequer totalmente erradicado. Mesmo assim, a Comunidade Internacional não pode fechar os olhos a estas questiúnculas religiosas e quezílias políticas, sob pena de não resgatar uma das mais promissoras - até geoestratégicamente falando - regiões do Continente Negro de um longo crepúsculo, cujas longas metástases poderão facilmente contaminar a prosperidade dos vizinhos e ameaçar a estabilidade da região.

Mas, se mesmo assim não estivermos convencidos do interesse em despender recursos, vidas e tempo num conflito distante, para mais dificilmente resolúvel, resta-nos apelar ao nosso próprio egoísmo: que interesse tem a Europa num ninho de vespas à sua porta? Que vantagens terão os americanos numa ponta-de-testa terrorista em África? Que interesse terá o mundo em continuar sem um mercado para os seus produtos, para as suas exportações, sem um parceiro comercial com um futuro tão promissor como o da restante África?

Que vantagens terá a nossa consciência em saber de crianças que ainda hoje morrem à fome e não fazemos nada para o impedir? Que vantagens teremos ao permitir a contínua doutrinação do ódio ao Ocidente nestes povos? Que vantagens teremos em saber do declínio de uma das mais bárbaras associações criminosas da Humanidade e não lhe darmos a machadada final?



Miguel Padrão (11.º A1)

SERMÃO ÀS PEDRAS

1.ª PARTE

Introdução/Explicação

Nos dias de hoje, a fé parece abandonar-nos: de todos os lados somos assolados por pessimismo, bota-abaixismo e desespero; todas as notícias são negras, toda a luz se desvanece, toda a esperança desvanece.

Não discutirei, por ora, as razões por detrás destas mudanças sociais: penso que, aliás, há muito que já o fiz, que há muito que já todos sabemos porque gira o mundo como gira, porque nos consome o temor do futuro e a instabilidade crescente. Muito pelo contrário: creio que, aquando de uma situação como a atual, é um imperativo moral louvar as nossas virtudes, para que as redobremos e reforcemos sem, é claro, nos esquecermos de criticar as nossas faltas, para as corrigirmos.

Pecadores, arrogantes, pessimistas, oportunistas, sempre os houve; o que realmente caracteriza uma sociedade, um país, uma Nação, é a capacidade dessa minoria se apoderar das rédeas do poder e da governação, fazendo e desfazendo a seu bel-prazer, minando as ações e o dinamismo de terceiros.

Afinal, facilmente se conclui que o nosso amado país, pátria de honrados conquistadores, corajosos navegadores, inventivos mercadores e intrépidos exploradores, já por várias vezes se viu confrontado com situações como a atual. Mais não seja, porque a "fórmula" desta crise é sempre a mesma - bastante mais preocupante que os pormenores da conjuntura do momento - urge lembrarmo-nos dos nossos erros, para não os virmos a repetir no futuro.

E quem melhor para nos revelar estes erros que o verdadeiro "Imperador da Língua Portuguesa", Padre António Vieira?

Durante décadas, este religioso, apogeu da retórica religiosa portuguesa, pregou contra as vilezas, os pecados e defeitos dos seus concidadãos, sempre esperando a sua redenção. Não a conseguiu, mas deixou-nos uma maravilhosa obra, que continua atual mesmo mais de 300 anos após a sua morte.

Nos dias de hoje, a fé parece abandonar-nos: de todos os lados somos assolados por pessimismo, bota-abaixismo e desespero; todas as notícias são negras, toda a luz se desvanece, toda a esperança desvanece.

Não discutirei, por ora, as razões por detrás destas mudanças sociais: penso que, aliás, há muito que já o fiz, que há muito que já todos sabemos porque gira o mundo como gira, porque nos consome o temor do futuro e a instabilidade crescente. Muito pelo contrário: creio que, aquando de uma situação como a actual, é um imperativo moral louvar as nossas virtudes, para que as redobremos e forcemos sem, é claro, nos esquecermos de criticar as nossas faltas, para as corrigirmos.

Pecadores, arrogantes, pessimistas, oportunistas, sempre os houve; o que realmente caracteriza uma sociedade, um país, uma Nação, é a capacidade dessa minoria se apoderar das rédeas do poder e da governação, fazendo e desfazendo a seu bel-prazer, minando as ações e o dinamismo de terceiros.

Afinal, facilmente se conclui que o nosso amado país, pátria de honrados conquistadores, corajosos navegadores, inventivos mercadores e intrépidos exploradores, já por várias vezes se viu confrontado com situações como a actual. Mais não seja, porque a "fórmula" desta crise é sempre a mesma - bastante mais preocupante que os pormenores da conjuntura do momento - urge lembrarmo-nos dos nossos erros, para não os virmos a repetir no futuro.

E quem melhor para nos revelar estes erros que o verdadeiro "Imperador da Língua Portuguesa", Padre António Vieira?

Durante décadas, este religioso, apogeu da retórica religiosa portuguesa, pregou contra as vilezas, os pecados e defeitos dos seus concidadãos, sempre esperando a sua redenção. Não a conseguiu, mas deixou-nos uma maravilhosa obra, que continua actual mesmo mais de 300 anos após a sua morte.

Assim, é isto a que me proponho: seguindo um novo conceito Predicável ("Quae caetera ora cruore nostro?", justamente escolhido para louvar os nossos feitos do passado, prever o que poderemos fazer no futuro e apresentar as três maiores virtudes do povo português) adaptarei o "Sermão de Santo António aos peixes", com vista a chamar a atenção para a nossa actual situação, a atualizar o pouco do Sermão que poderá estar desatualizado, mas, principalmente, para tentar esperar este povo, este país traçado pela inércia e que dela tarda a libertar-se.

Exórdio

"Quae caret ora cruore nostro?" Ao nosso luso sangue orgulhoso e honrado, prova da nossa magnânima Epopeia e das suas mestiçadas criações, todas as costas já provaram, mais ou menos, com as lágrimas coletivas de uma Nação de partidas eternas, melancolia dos que ficam e saudade dos que partem. Não há mar por nós não navegado, costa por nós não palmeada,

golfo por nós não cartografado ou rota não percorrida. Não há sangue que se prive do nosso, não há peixe que não nos saiba o nome, nem vento de que não saibamos as manhas.

Somos uma parte do todo. Contudo, nem tudo nos sorri, ainda mais nos difíceis tempos que atravessamos; há que refletir sobre as nossas faltas, os pecados próprios da nossa existência e, mormente, da escura treva e apagamento que ameaçam tragar-nos valores e moral, para nos delapidar dos únicos bens com que, nus das honras terrenas, somos trazidos ao frio e cruel mundo pela Graça Divina. Mas são por decerto vãs as minhas palavras: afinal o que um imberbe amator nas artes da oratória poderá trazer de mais-valia não valerá o tempo que o auditório dispenderá. Nada de sacro ou divino ecoará nestas palavras, que assim no vazio farão retumbante eco. Pois então, Ide! Parti para o vosso longínquo crepúsculo! Deixai-me, deixai-me porque hoje eu dirigir-me-ei às pedras da calçada, às pedras que me escutam!

Por louco, lunático ou alucinado decerto me tornarão, ao se assegurarem de que o meu cruel destino será eternamente pregar às pedras. Rirão, por decerto, do emprego de tão magnífica retórica em ouvintes tão solenes quanto informais. O seu amorfismo, a sua indiferença, apesar de cortantes, são também recompensadores: não anuirão as minhas irmãs pedras apenas ao que lhes convier, mas a tudo o que este desprezado purificador afirmar e propuser. Se vos desinteressa, ainda mal. Por demasiados Sóis preguei sem esperar mais do que a redenção alheia e a lavagem dos pecados; por demasiadas Luas orei pelas almas dos fracos, dos pecadores e dos desprotegidos, sem nunca obter resposta digna de nota. Dedicar-me-ei, assim, às pedras que aqui mesmo contemplo, certo de que, pelo menos, ressoarão as minhas palavras. Prego, então, às pedras da calçada, que se não ouvirem as minhas palavras por defeito natural, ao menos as ecoarão para a eternidade.

Se é um facto inquestionável de que a mudança dos tempos leva à das vontades, mais certo - e indesmentível, ó Pecadores inconfessados - é de que estes mudam, ainda com maior vigor e perseverança, os vícios, os gentios e até - frequentemente são estes os primeiros a vender a sua alma e empenhar o seu corpo - pregadores e evangelistas.

Assim, para quê pregar aos peixes, se o fazemos apenas como desabafo da nossa vileza, desabafo esse que deveria ser apenas e somente dirigido a Nosso Senhor, Santificetur nomen tuum, cujo perdão apenas desejamos antes de voltarmos ao pó? Certamente que, nos tempos que correm, todos os elementos estão submersos em podridão e corrupção; não menos certo é o monopólio desta culpa pelo Homem.

Contudo, como já referiu o erudito padre, sempre se corrompem menos os que se afastam mais dos seus mestres humanos, pois a influência humana, demasiado opaca, distancia tudo e todos de Deus. Assim, facilmente se concluirá que, dos quatro elementos, a Terra se destaca negativamente pelo seu estado avançado de putrefação: afinal, o Fogo dificilmente por ele será vilipendiado, apesar de se manter domado, enquanto tanto a Água como o Ar se encontram relativamente distantes da sua demoníaca pressão. Assim, usarei o presente Sermão para pregar às aves, supremas habitantes da Criação - mais não seja por voarem mais próximas do Criador - e, sob o meu prisma, bastante prejudicadas pelo Sermão original, que lhes deveria louvar a liberdade, a argúcia, a solidariedade e a intrepidez, características que o nosso povo tão bem ilustra e que deviam ser elevadas e valorizadas.

Para quê a hipocrisia de se denotar a terapia do Santo Peixe de Tobias, como o douto Padre António Vieira fez, se este há muito partiu, sem poder dar resposta aos óleos negros e imundos das terras dos Sumérios e Persas? Com que autoridade apelar como ele ao torpedo, se este sucumbiu ao tremer da falsidade e da mentira cinzenta e abafante que ameaça Tremer a Terra de uma vez por todas? Como se poderá referir o quatro-olhos, se ultimamente se têm irreversivelmente envesgado os seus bifocais portões de salvação, desfocado a sua notável clarividência, desfeita a sua onisciência das matérias do Olimpo e do Hades, vítimas de uma bem urdida teia de conspiração, para desprover de visão - e assim de razão - o último dos guardiães dos Divinos Mandamentos? Quem corajosamente referirá a rémora, se esta valente e temerária língua de Sto. António se tem tornado numa lapa, já nem conduzindo o seu destino-quanto mais o das infindáveis naus e caravelas que, por ela apesadas, não lograram chegar a um destino outro que as agruras de um qualquer Cabo frio e tenebroso - e apenas resistindo, irredutivelmente, no seu regredido enclave à trautha final da corrupção terrena e da perdição de toda a Criação?

O Homem tudo destruiu, com a sua irmparável sede de lucro, cequeira dourada que nos cobre dos mais espalhafatosos panos, mas nos despe do único retalho que contra as arduidades da Fé nos poderá proteger. Por todas as costas, do recortado e frio Labrador aos

quentes mares das índias, vem ao de cima a sagacidade daquele a quem Nosso Senhor confiou o lugar cimeiro da Sua Criação. E assim, rindo da sua heresia, prepotência aterradora e altivez, desbasta o jardim do Éden, que nos foi legado, de todas as suas maravilhosas e ímpares vidas, despe o terreno elemento, corrompe os ares e difunde o fogo.

Três virtudes, três pérolas, três portadores e três louvores. Apenas e só. Todos os restantes, irremediavelmente conspurcados e refutados - não pelo Senhor, que jamais negou algum junto de si, mas por este mortal pecador que aqui se apresenta, e cuja paciência já testaram por demais - afastem-se: não são a este sermão bem-vindos! Aterrem-se, rochas! Temei, pedrarias! Rezai, penedos! Que se inicie a redenção das vossas faltas, que comece o Sermão!



Miguel Padrão (11.º A1)

SERMÃO ÀS PEDRAS

2.ª PARTE

Exposição e Confirmação

Afinal, concluo que nem mesmo a calçada me quererá escutar, ou mesmo que o queira não o pode. Para mais, seria inútil pregar aos que não ouvem, mesmo sendo menos duro do que pregar aos que ouvem e não se retratam.

Arredo, por isso, pé da magnífica calçada onde improvisava um púlpito, para me dirigir aos Céus: se até agora me concederam todas as bênçãos, se deles vem o sal com que deveria expurgar os pecados terrenos, se deles me são ditados estes sermões, talvez também me traga auditório que se resigne a ouvir-me. Alea iacta est. E, de facto, sorri-me. Afinal, de nada me servirá alertar-vos, ò Pedras, vós que já haveis sido a imagem do hercúleo esforço centenário que esta pequena Nação consumou, que esta pátria abraçou e de que este povo se deveria orgulhar, se hoje vos encontrais amorfas, geladas pelo temor do futuro que vós mesmas construísteis. Não é assim? Ainda mal.

Resigno-me: não mais me poderei servir de vós, que não servis a verdadeira noção de heroísmo e coragem que o parentesco com Vasco da Gama, Viriato e Magalhães deve exaltar na sua pródiga descendência. Falarei então às aves, cuja mensagem de esperança poderá acordar e desamarrar as vossas graníticas consciências, movendo-vos para uma urgente mudança de que mais tarde vos orgulhareis.

Ou não fossem as minhas irmãs aves a esperança de náufragos e navegadores desafortunados, quando perdidos na azul imensidão do líquido elemento. Ou não voassem elas mais perto do Senhor, que assim as agracia com a sua infinita sapiência, inegável bondade e santa e iluminada mensagem. Ou não tivessem elas a alma tão leve de negros e o fígado tão oco de eflúvios males, que se pode assim o seu arveolar corpo elevar sobre as nossas terrenas cabeças, dominando o único elemento virgem de ação humana.

Contudo, terão por decerto as minhas irmãs aves os seus pecados, pois nem a alma de um santo está livre de alguns recantos mais negros, e dos quais farei menção neste sermão, procurando certamente o equilíbrio de críticas e louvores, pois como disseram os Antigos, *Virtus in medium est*.

Não louvarei, deste modo, o altivo pavão, cuja espampanante e exótica plumagem apenas ludibria e cujo alto voo não faz chegar mais perto do Senhor - ao contrário do que os antigos pensavam - nem, muito menos, a imaculadamente branca garça, cuja negra branqueza apenas nos reafirma a caducidade das aparências, caducidade que já todos os doutores da Igreja referiram, mas que ainda hoje ceifa as almas dos mortais, apaixonados pela beleza carnal e pelo prazer do pecado, sem pensarem sequer na perdição em que cairão.

Contudo, espero não cair em erro quanto ao meu auditório: jamais pregarei dos falsos, hipócritas, aproveitadores, ou impuros, a menos que seja para os corrigir; sei, sim, que a eles irei falar, pois, afinal, são eles os alvos deste discurso, é na sua conversão e na remissão dos seus pecados que consiste a minha missão. Assim, jamais me sairão da mui cansada boca elogios à "perfeição" de qualquer género, por saber que, neste Purgatório terreno em que vivemos, jamais nos aproximaremos sequer da perfeição: todos nós, homens e aves, plantas e peixes, mamíferos e insetos - sem esquecer quaisquer seres de minúsculas dimensões - estamos condenados ao pecado, eterna e irremediavelmente. Devemos, isso sim, corrigir-nos, procurando, não podendo atingir a perfeição, ao menos abeirar-nos o mais possível dela e aprender com as virtudes alheias. Nada nem ninguém é, foi ou será perfeito - por vezes até d'Ele desconfio, ao olhar ao meu redor - e devemos saber conviver com isso.

Mesmo assim, há que constatar que há representantes da Esfera Alada que melhor ilustram as virtudes que procuro elevar, por decerto aprendidas numa mais longa estadia no retângulo ajardinado que recobre o ocidente da velha Europa.

É esse o caso da lira, brilhante cantora e construtora. Não, por decerto que me não refiro à lira que o devasso Nero tocava enquanto via a sua Roma imperial a arder. Muito menos à brilhante constelação que intensamente ilumina a etérea esfera nas noites de penumbra. A lira a que me refiro, humilde habitante das florestas tropicais da Terra Austral do Espírito Santo, não só merece o nosso espanto como também o nosso aplauso e panegírico pela sua modéstia, o seu empenho e as suas capacidades para apreender quase todos os ruídos, uivos e grasnares de que foi recheada a sua paisagem natal. Demonstrado a mor importância do trabalho que permitiu a um pequeno retângulo de escassos recursos e população afirmar-se num continente de gigantes e lançar-se para o Mundo sem medos nem temores, dando-lhe novos mundos, esta pequena maravilha do Gênesis empenha tudo o que possui, todo o seu tempo e forças na edificação de um primoroso ninho, capaz de fazer inveja a qualquer outra ave. É, aliás,

de fazer corar, quando de solidez e impermeabilidade se trata, muitas obras humanas. Labor Omnia Vincit, já dizia Vergílio, o que esta formiga voadora, sempre ocupada pela sua árdua rotina, parece confirmar.

Questiona o indignado ouvinte, e com toda a pertinência e autoridade, a razão de tal investimento. E esta é, decerto, a mais primorosa e ternurenta razão para a ode a este pequeno ser, que assim está certamente incluso nos grandes: dar-lhe-á serventia a sua única cria, que nela crescerá e a ela poderá sempre retornar, à imagem da pátria de marinheiros que, apesar de cedo partirem, deixando chorosos coros que salgaram o Mar, a ela sempre poderão voltar, afinal Sementem ut feceris, ita metes, sendo sempre recebidos com todo o amor e carinho que o retorno de um filho reaviva.

Finalmente, há que se fazer menção das virtudes sonoras desta espécie, autêntico arauto do esplendor auditivo com que a nossa insignificante esfera foi brindada; verdadeira poliglota da Natureza, não se reduz a produzir um deleitoso canto, mas a imitar todos os que lhe chegam ao abençoado ouvido, lembrando-nos claramente um dos nossos intrépidos mercadores e missionários, cuja mundividência nos permitiu estabelecer duradouros laços com todas as culturas, todos os povos e todos os credos, no primeiro ímpetuo de globalização conhecido.

Mas, já diziam os antigos, a caridade deve começar em casa: de nada nos servirá espalhar o bem-estar à nossa volta, enquanto nos corroemos a nós próprios e aos nossos. Ou, ao menos, que nos descompunhamos a nós para servir aos nossos. E disto o supremo exemplo é pelo pelicano representado. Autêntica mãe-galinha, porque pelicana não nos serviria a nós, a pelicana arranca as penas do seu próprio peito, apenas para reconfortar e aquecer os seus frágeis rebentos no seu ninho improvisado, num heróico ato de bondade e dedicação, que apenas teve - e ainda tem - igual nos sacrifícios inimagináveis que o povo de Viriato consumou para permitir um melhor futuro aos seus descendentes, que vingam hoje nas mais diversas áreas e respondem aos mais complexos desafios, mormente graças à inflada cobertura protetora que lhes legaram os seus progenitores e que se traduziu na melhor educação, saúde e condições disponíveis, e que por fim hoje frutificam.

Finalmente, resta-me tratar da maior das virtudes, que há muito nos foi legada pelos nossos egrégios e valorosos antepassados e que continuamos a sustentar como o magnífico Albatroz. Sim, este herói dos céus dever-nos-á continuar a inspirar e guiar, tais são as suas intermináveis migrações de meses sobre os 4 pontos cardeais, os 5 oceanos e os 6 continentes, em busca da sua Terra Prometida, tal qual no correr de séculos, dezenas, centenas, quiçá milhares de rios de sangue luso desembocaram no imenso Oceano, numa Diáspora que torna o nome da Nação conhecido em todos os confins do Planeta, seguindo a

velha máxima de que "Onde estiver um português, aí estará Portugal".

Mas mais acresce à atribulada travessia do nosso irmão Albatroz o terrível sacrifício, verdadeiro Suplício de Tântalo que desalmadamente suporta, do isolamento constante dos seus, quando os largos Mares Austrais, as rudezas do percurso ou uma qualquer eventualidade imprevista o separa, como separou e agridou por longos anos Fernão Mendes Pinto, Pêro da Covilhã e outros que tais, longe da sua pátria amada, ao serviço da Coroa e do Império, que tanto deles lucraram e a quem estes honrados exploradores nem tença pediram.

Assim, após dias e noites sem pouso firme, ventos e ares sob a asa, mares e praias na vista, atingem esse seu cândido destino de nidificação, longe das distantes brumas gélidas e da venenosa maledicência dos que, temerosos e poltrões, lhes maldizem a partida e acusam de debandada, poderão descansar. Poderemos sorrir: levámos a nossa caravela a bom porto; escapámos às austeras misérias que nos impunham, às bruscas tempestades do percurso, a todas as agruras que esta travessia do deserto nos impunha. E principalmente, orgulhar-nos-emos: refizemos os passos dos que sempre nos orgulharam e elevaram, dos que aqui citei e que nos observam hoje, esperando que, como eles, sejamos grandes. Não os falharemos.

Triunfaremos. Afinal, nem só de defeitos é o Homem feito.



Miguel Padrão (11.º A1)

SERMÃO ÀS PEDRAS

3.ª PARTE

Peroração

Por tudo o que neste sensato e preocupado sermão afirmei, resigno-me: as pedras não me ouvirão - e mesmo que o fizessem, a sua centenária imutabilidade dificilmente de algo serviria - nem o farão as aves, que por demais distam do meu púlpito terreno. Que por lá, pelos seus altos Céus, se mantenham: longe da pútrida degenerescência que nos consome mal nos chegam os pés ao firme elemento, longe da descontrolada e deformada figura humana, perto do Senhor, do divino e da sua Santa e Transcendente palavra: afinal, é a tal comportamento que devem a sua salvação, pois, não fossem as suas aéreas capacidades, e há muito que já arderiam no nono círculo do Tártaro, há muito que o peso da sua alma já teria aterrado o gracioso corpo no mar de danação que sobrevoam.

Mesmo assim, tentarei falar, uma mais vez, a estes atenciosos ouvintes, que muito prezo e admiro, e deles então me despedirei, pois só eles merecem a Palavra Divina e a Salvação Final.

Ou não o ditassem as suas magnânimas, maravilhosas e grandiosas capacidades e humildade omnipresente. Ou não imperasse lembrar os seus feitos e virtudes, para que não caíssem na bruma do opaco esquecimento a que tende a memória coletiva dos que desprezam, esquecem e subvalorizam as suas líras de canto dulcíssimo, os seus honrosos e solidários pelicanos e os valorosos e audazes albatrozes. Os que, no lugar de serem cantados, exaltados e glorificados, são publicamente achincahados em vida e desprezados depois de comidos pela terra, rebaixados pela mesquinhez dos invejosos, pela impertinência dos bajuladores, pelo cio de diversos interesses e da mais variada escumalha que, de tão baixo que chega em vida, nem a morte ou o Demo teme. Oh, infâmia, como poderão tão altos voadores ser esquecidos mal caem? Será de tal tenuidade o amor-próprio daqueles que ainda hoje se dizem Senhores de todo um Elemento? Estarão prontos para a eternidade, nos anais da História, os que nem pelos seus são lembrados? Poderão voltar a altos voos, sem que se auxiliem mutuamente a levantar do pouso de que teimosamente tardam a levantar?

Por tudo o que neste sensato e preocupado sermão afirmei, resigno-me: as pedras não me ouvirão - e mesmo que o fizessem, a sua centenária imutabilidade dificilmente de algo serviria - nem o farão as aves, que por demais distam do meu púlpito terreno. Que por lá, pelos seus altos Céus, se mantenham: longe da pútrida degenerescência que nos consome mal nos chegam os pés ao firme elemento, longe da descontrolada e deformada figura humana, perto do Senhor, do divino e da sua Santa e Transcendente palavra: afinal, é a tal comportamento que devem a sua salvação, pois, não fossem as suas aéreas capacidades, e há muito que já arderiam no nono círculo do Tártaro, há muito que o peso da sua alma já teria aterrado o gracioso corpo no mar de danação que sobrevoam.

Mesmo assim, tentarei falar, uma mais vez, a estes atenciosos ouvintes, que muito prezo e admiro, e deles então me despedirei, pois só eles merecem a Palavra Divina e a Salvação Final.

Ou não o ditassem as suas magnânimas, maravilhosas e grandiosas capacidades e humildade omnipresente. Ou não imperasse lembrar os seus feitos e virtudes, para que não caíssem na bruma do opaco esquecimento a que tende a memória coletiva dos que desprezam, esquecem e subvalorizam as suas líras de canto dulcíssimo, os seus honrosos e solidários pelicanos e os valorosos e audazes albatrozes. Os que, no lugar de serem cantados, exaltados e glorificados, são publicamente achincalhados em vida e desprezados depois de comidos pela terra, rebaixados pela mesquinhez dos invejosos, pela impertinência dos bajuladores, pelo cio de diversos interesses e da mais variada escumalha que, de tão baixo que chega em vida, nem a morte ou o Demo teme. Oh, infâmia, como poderão tão altos voadores ser esquecidos mal caem? Será de tal tenuidade o amor-próprio daqueles que ainda hoje se dizem Senhores de todo um Elemento? Estarão prontos para a eternidade, nos anais da História, os que nem pelos seus são lembrados? Poderão voltar a altos voos, sem que se auxiliem mutuamente a levantar do pouso de que teimosamente tardam a levantar?

Finalmente, irmãos voadores, apenas me resta louvar, uma vez mais, todas as vossas virtudes, todos os vossos poderes, todas as vossas facilidades e alertar-vos para as perigosas intenções dos que vos rodeiam: nem só no solo há ladrões, pecadores, hipócritas ou gananciosos, nem só nos mares se formam tempestades e contratempos, nem só à terra se limitam as ganâncias humanas, nem só ao terreno elemento está presa a sua ação. Defendei-vos, às vossas crias e aos vossos, de todas e quaisquer intenções humanas. Jamais lhes vendais os valiosos anéis que, a tanto custo conquistastes junto do Criador. Nunca permitiéis que esses gentios, infiéis e corsários, que hoje tudo tomam e desbaratam, tenham perto de vós abrigo seguro, ou por decerto enfrentareis a fúria Divina, fúria de Pai traído que só a muito custo aplacareis.

Acordai, aves de valorosa frente, pináculo da Criação, e servi a Deus: acorrei à Terra e à Transtagana nação, que de vós bem necessita. Acorrei às praias e aos vales, aos montes e bosques, às vilas e rios, acorrei a todos e ajudai-me. Ajudai-me a salgar a corrupção. Ajudai-me a corrigir a devassidão. Ajudai-me a limpar os pecados de muitos séculos, a corrigir os erros de gerações, a terminar o longo reinado da perversão nestas paragens.

Talvez assim possamos elevar as nossas vozes, chegar às consciências dos faltosos, tocar os seus corações, e salvar as suas desmazeladas, culpadas e de outro modo perdidas almas. Ou talvez não, talvez não tenhamos qualquer sucesso. Quiçá possamos salvar a Humanidade, ou talvez nem atinjamos uma singular mente. Tentámos, e de tal nos poderemos orgulhar. Não perdi a vossa perserverança, a vossa assertividade, o vosso brio, a vossa fé, meus Irmãos. Não vos esqueçais de O servir.

Não vos deixeis naufragar, inertes e indefesos, sem sequer esbracejar em busca de auxílio.

E enganai-vos: aos justos, Ele lançará sempre uma corda.

Ámen.



Miquel Padrão (11.º A1)

AS JÓIAS RARAS

Na minha opinião, conhecer cada vez mais palavras, é cada vez mais importante! Torna-nos mais poderosos! Com uma capacidade extrema de comunicar, ficamos mais sábios. Basicamente, ninguém nos pode parar!

Por isso é que o dicionário é tão valioso! É como se tivesse lá dentro jóias raras. Jóias que evitam o seu esquecimento... Sim, porque uma palavra quando não é utilizada durante décadas, seja na rua, nos filmes ou nos livros, cai em esquecimento. E nós não podemos permitir isso!

Nós os jovens de hoje, os adultos de amanhã! Não seria correto deixarmos cair em esquecimento jóias como estas... Já pensaram se deixássemos de ler livros e consultar dicionários?! E se só utilizássemos a linguagem das conversas rápidas que usamos nas mensagens? (Oh meu Deus", aí é que era o descalabrar total!). Passávamos de pessoas poderosas e com muito "swag" a simples ignorantes...

Temos que aproveitar o facto de podermos ter verdadeiras pérolas e diamantes e rubis! nas nossas mãos, e de graça!

Concluindo, "bora lá ter um vocabulário diversificado? Sim? Porque ter muitas palavras na ponta da língua, é "fixe"!



Jéssica Magaia (9.º D)

MANIFESTO CONTRA A APATIA

O mundo atravessa tempos de mudança, convulsão e adaptação a uma nova realidade, emergente da abertura de fronteiras, do esforço de transformação desta nossa grande casa numa pequena Aldeia Global, sempre ajudado pela evolução dos meios de informação e comunicação e pelo desenvolvimento das novas tecnologias, cada vez mais omnipresentes - e omniscientes, como vimos com o recente escândalo das escutas a altos responsáveis internacionais.

Já muito disse, repeti e alertei para a necessidade de adaptação a esta nova cena, totalmente diferente de tudo o que a humanidade já experimentou e que, decerto, nos obrigará a uma grandiloqua alteração de hábitos e comportamentos. Hoje, pretendo tratar com profundidade uma das mais evidentes vertentes desta metamorfose que, se bem que afeta e é influenciada por diversos fatores, não nos poderá fazer descorar aquela que é, muito provavelmente, a face mais evidente e a principal influência que, hoje em dia, ainda paira benignamente sobre a nossa sociedade: a cidadania ativa e a necessidade de participação em associações, partidos e demais estruturas que compõem as agonizantes democracias atuais, que, aliás, agonizam apenas e só devido ao desinteresse dos seus cidadãos e à falência coletiva da esperança dos governados nos seus líderes e governantes, o que implica, necessariamente, uma desesperança e passividade intolerável num mundo que se quer justamente mais dinâmico, participativo e esperançoso num futuro mais sorridente e soalheiro.

E assim, passo a questionar: haverá melhor local para se iniciar uma cidadania ativa, participativa e válida do que a escola, lugar de convívio e troca de experiências, informações e saber por excelência? Certamente que não. Haverá melhor método de se introduzir um jovem à Democracia, que se espera que este defenda e melhore, do que fazê-lo experimentá-la, votando nos seus representantes e demonstrando-lhe a sua importância basilar num sistema que já Sir Winston Churchill definiu um dia como "a pior forma de governo imaginável, à exceção de todas as outras que foram experimentadas"? Obviamente que não. Poder-se-à introduzir melhor um adolescente nos ideais democráticos básicos ou na importância da participação individual na construção de um melhor futuro coletivo do que promovendo a sua

integração nas instituições que o representam, permitindo-lhe que exponha as suas ideias, planos e sonhos com vista ao bem comum, possibilitando mesmo que o coletivo as aceite e ponha em prática? Claramente que não.

Posto isto, creio ser urgente questionarmo-nos: cinco meses depois, o que é feito da Associação de Estudantes da EPM-CELP, que o voto estudantil tão vigorosa e enfaticamente creditou em junho do ano letivo transato?

Antes de introduzir mais profundamente a situação, creio ser pertinente fazer uma declaração de interesses, apenas com o intuito de fornecer aos leitores os dados que lhes permitirão julgar a situação autónoma e pessoalmente: é um facto que, desde a sua fundação, tenho tido uma ligação bastante próxima com a Associação de Estudantes da nossa escola, tendo não só contribuído para o seu estabelecimento como também tendo concorrido à sua presidência nas últimas eleições. Ora, se muitos pensam que a minha derrota nas urnas me afastou da Associação que ajudei a criar, enganam-se. Desinteressadamente, continuo a desejar o melhor dos sucessos à Associação, que ajudei a formar por acreditar que pode vir a ser uma peça fundamental não só no aprofundar do diálogo entre os alunos e a Direção escolar, como também na sua fulcral importância na abertura do espírito crítico dos alunos, como já acima referi.

Deste modo, é com profundo pesar que, atualmente e apenas a pouco mais de um mês do término do primeiro período letivo, constato a ineficiência, apatia, amorfismo e falhanço da atual direção. O que deveria servir para uma maior integração da comunidade escolar, para um reforço do diálogo entre os membros da comunidade educativa, transformou-se num clube privado em autogestão. O que deveria ser uma iniciativa para aproximar a população escolar de ideais democráticos e de uma cidadania mais ativa e participativa desvirtuou-se rapidamente, tornando-se num fantoche dos piores vícios da nossa democracia.

O que era suposto ser uma proposta de plano eleitoral foi, rapidamente, negado, escondido, transfigurado e radicalmente ignorado, num insultuoso esquecimento das promessas de há apenas cinco meses e dos eleitores que nelas acreditaram. O que seria uma organização multifacetada mais não faz do que organizar comemorações e festinhas, ignorando toda e qualquer atividade de outro género, tornando-se numa filial de uma companhia de eventos em tempo de saldos. O que deveria ser o respeito pelo regulamento da instituição foi esquecido, sonogado e ignorado até aos limiares da ilegalidade. Não é assim?

Se me tomam por tendencioso, falem. Certamente perceberão que não o sou: apenas quero o melhor para a instituição que ajudei a fundar, que espero não só poder vir a estreitar as relações dentro da comunidade educativa, como também servir de farol e inspiração para muitos alunos, facilitando a sua integração numa realidade tão atual como a necessidade do incremento da participação individual nos projetos da comunidade à qual pertence.

Agora, certo é que não me calarei. Não, enquanto assistir à apatia, indiferença, aproveitamento e hipocrisia por parte de responsáveis que, ao invés de seguir o seu plano eleitoral, transformam um bem comum numa coutada privada. Não, enquanto as promessas eleitorais, que tão generosamente souberam multiplicar, continuam caídas no mais profundo esquecimento. Não antes desta instituição ser utilizada para o seu verdadeiro fim - que, como já referi, foi totalmente subvertido - e de se tornar um local de partilha de opiniões, experiências, sonhos.

Minto? Exagero? Sou pessimista? Cada um fará a sua leitura. Por mim, as opções são simples e fáceis, pois apenas assim poderão manter a confiança depositada em vós: ou se retratam, alteram totalmente o rumo seguido até agora e abrem a Associação aos vossos colegas, ou bem que se podem demitir amanhã. Afinal, não foi para isto que foram eleitos, não foi para defraudarem as expectativas dos vossos eleitores nem para se apropriarem de um bem que é de todos, explorando-o como se de um clube se tratasse.

Afinal, ninguém merece um governo que apenas se governa a ele próprio. Muito menos um desgoverno apático.



Miguel Padrão (11.º A1)

PENSA EM TI E NO TEU FUTURO

48

Cada vez mais, as pessoas, em especial os jovens, têm tendência em querer tornar o vocabulário o mais simples possível, mas esquecem-se que o facto de o tornar mais simples, também implica que haja palavras que caiam em desuso e que não aprendam mais palavras novas.

Nos dias de hoje, quando falamos em "aprender palavras novas" e em "ter um vocabulário diversificado", em geral, todos nós, jovens, achamos que é uma "seca", que já sabemos tudo, que o nosso vocabulário já é suficientemente diversificado ou que o que aprendemos na escola também já é o suficiente.

Um dia mais tarde, certamente que nos vamos arrepender de nunca ter percebido que aprender palavras novas é importante, para além de ser útil para o nosso (futuro) emprego ou, até mesmo, para falarmos com as pessoas de um modo mais formal. Podemos até nem vir a utilizar essas palavras, mas saber não faz mal nenhum, nem ocupa espaço.

O facto de sabermos palavras novas e de termos um vocabulário muito mais diversificado do que as outras pessoas, não faz de nós "uma seca", "betinhos" ou seja lá o que for, faz de nós, apenas, pessoas muito mais cultas. Por isso, pensa em ti, no teu futuro e não no que os outros dizem ou pensam.



Vanessa Major (9.º D)

(RE)ENRIQUECIMENTO DA NOSSA LÍNGUA

Todos devemos aprender palavras diferentes, sejam elas novas, antigas, ou simplesmente pouco usuais. Para vos explicar o porquê, entrevistámos o doutor João Santos, especialista na matéria. O doutor João disse - e passamos a citar: "Eu penso que toda a população portuguesa, especialmente os jovens, devia saber palavras consideradas pouco usuais na nossa língua. Ora pensem comigo, não seria muito mais fácil para um aluno estudar Camões se soubesse as palavras que caíram em desuso? Não seria muito mais impressionante tal pessoa chegar a um ponto da conversa e, em vez de "contra a constituição", dizer "anticonstitucionalíssimamente"? Palavra desconhecida por grande parte da população.

A descoberta de novas palavras evitaria também erros comuns como "feieza" que, corretamente, se pronuncia "fielidade". A descoberta da palavra "fielidade" também evitaria o erro comum de se associar tal palavra ao termo "fiel", que, corretamente, se diz "fidelidade". Tal descoberta (de novas palavras) também evitaria conflitos. Por exemplo, dizer "aprecio a tua fielidade" a uma pessoa que sabe o verdadeiro significado da palavra pode gerar um conflito e ofender o recetor. Seria também muito melhor dizer "professora, acabei o trabalho que me foi proposto por si" do que dizer "professora, já fiz", o que enriqueceria a língua portuguesa em geral.

E as vertentes do português? Como dão aquele divertimento e diversidade à nossa língua! Sabem, a nossa língua é como um polvo com vários e grandes tentáculos, cada um diferente do outro. Todos conhecemos a vertente brasileira do português e a pronúncia do Norte e do Alentejo, todos sabemos como é diversificada a nossa língua. Em Moçambique, por exemplo, temos muitos exemplos, tais como: "suka" e "maning". No Brasil, temos a construção frásica. Dentro de Portugal temos a tão famosa pronúncia dos Açores e temos a linguagem usada pelos jovens, como "bué", "ganda", "ya"...

A nossa língua é a quarta mais falada no mundo inteiro e cada região fala-a de maneira diferente. É por isso que eu penso que é uma das línguas mais ricas do mundo; é por isso que tenho orgulho na língua que falo e é por isso que todos devíamos saber mais sobre ela. A nossa

língua é um universo de palavras e cada palavra tem uma história. A nossa língua não é apenas uma língua, é uma das maiores vantagens das pessoas que falam a língua portuguesa, é uma gigante arma com o poder de encantar e mesmo até de "dizimar" alguém com palavras, e quanto mais diversificado for o nosso vocabulário, maior é a nossa força linguística. E como diz o velho ditado: "a caneta é mais forte do que a espada".



João Santos (9. D)

NEM TUDO SÃO ROSAS

Sim, cortámos metros,
somámos informação
Mas Perdemos afetos
Extinguiu-se a opinião

Como não me farto de repetir, habitamos num planeta cada vez mais globalizado, interligado e interdependente. É um lugar-comum que, 600 anos após o ténue primeiro passo de um processo que, hoje em dia, ultrapassa e influencia os nossos comportamentos, ações e mundividência, é impossível tomar decisões isoladas, não influenciar terceiros com os nossos atos, viver isolado do e dos que nos envolvem. Sempre foi deveras difícil afastarmo-nos da sociedade que, naturalmente, integramos, mas, nos dias de hoje, tal comportamento beira a impossibilidade. Num mundo ligado, conectado e sempre em mudança e em reboição, no qual tudo se sabe instantaneamente - perdoem-me a incorreção científica - tornou-se impossível não integrar a extensa, omnipresente e influente teia social que se condensa constante e impetuosamente.

Contudo, esta é também uma teia que não segue as leis naturais: ao condensar-se, tentar apertar os laços, unir a sociedade, aproximar-nos mutuamente dos nossos patrícios e auxiliar o estreitamento das nossas relações com o mundo ao nosso redor, falhou clamorosamente. Subvertendo completamente o seu intuito inicial de tentar combater a indiferença, os vícios, os extremismos e os defeitos humanos, tornou-se numa feira de vaidades, num concurso de popularidade de reles proveitos para todos quantos não perspetivem para o seu futuro a emulação das supostas "virtudes" e "qualidades", tão amplamente divulgadas na podridão que alguns apelidam de social.

É certo que, antes de criticar esta vil corrupção, há que, primeiro, analisar todas as envolventes do processo, para o podermos mais facilmente combater e minorar. Ora, ao invés de outras problemáticas que já aqui abordei - e cujos motivos são assaz complexos e intrincados -, nesta situação não creio tratar-se de mais do que uma causa e uma solução.

Causa essa muito velada, isso sim, por pomposos e complexos pretextos, mas de mor importância no nosso futuro coletivo, não só como Nação ou Estado, mas até mesmo como Sociedade: o gritante desaparecimento dos Valores inerentes a uma vivência coletiva saudável, ultimamente esbatidos pelo "pseudo-modernismo" dominante.

Deste modo, valor por valor, princípio por princípio, pedra por pedra, todo o edifício moral de que tanto nos orgulhávarnos foi, lenta e sub-repticiamente, desmantelado no passado recente. A degradação generalizada da sociedade é por demais evidente e deve ser combatida: como se permite a colocação de fotografias de artistas em poses duvidosas, músicos a consumir substâncias ilegais ou figuras públicas a promover atos de violência, em locais de tão fácil acesso às gerações mais novas, cuja consciência moral ainda se encontra em formação?

Como se podem perseguir publicamente figuras públicas por detalhes da vida pessoal, pormenores de uma qualquer relação ou por qualquer pequena falha ou gaffe cometida, esperando-se, assim, obter mais sucesso de vendas com os segredos de terceiros, as desgraças alheias ou o espalhafato jornalístico? Como poderemos não culpar uma sociedade podre, oca de princípios e moral e uma globalização desregrada e demasiado acelerada, pela situação a que chegámos? Como podemos fechar os olhos à degradação das gerações mais novas, à sua perdição em álcool, drogas e outros que tais? Como podemos enterrar a cabeça face ao exagerado poder que diversas figuras, muitas vezes irresponsáveis e mal intencionadas, têm vindo a ganhar, principalmente nas redes sociais, e que usam para transmitir mensagens dúbias?

Escrevei o que digo: se não se corrigir, o Homem será a causa final da sua própria perdição - homo homini lupus - e esta perdição não será ecológica ou bélica. Será moral.

Ninguém nos dirá tal blasfémia - como também ninguém preveniu os Romanos do seu declínio orgiástico - até ser tarde demais, até ao nosso crepúsculo ser inevitável e a podridão tão gritante, que por decerto nos saltará à vista. Mas aí, aí será tarde demais.

PS- Os meus parabéns à Associação de Estudantes: finalmente conseguiram a sala que vos competia, como legítimos representantes dos estudantes. Espero apenas que todos leiam as flavescentes letras que colocaram na porta e as saibam interpretar. Para mais, votos de um -agora sim - início de bom trabalho.

O MEU IRMÃO

Nasceu a 21 de Junho de 2010. Foi o bebé mais lindo que, em algum momento, já vi, de olhos castanhos cor de mel e cabelos pretos como carvão, com a pele negra que caracteriza o homem africano e mostra o que somos.

Olhei aqueles olhos de criança, soube que ele seria um grande homem. Por mais que parecesse mentira, sorriu para mim, como se dissesse olá, e eu devolvi-lhe, gentilmente, aquele sorriso. Dias depois, por mais prematuro que ele tenha sido, lutou até poder sair do berçário. Ao chegarmos a casa ele abriu os olhos, feliz por estar no seu lar, junto da sua família que tanto o amou.

Após muito sacrifício na luta contra a hipertensão pulmonar (cardiopatia congénita), completou um ano de vida. Foi o dia mais feliz da minha vida. Festejamos com muito amor e alegria.

Como diz o velho ditado, "tudo o que é bom acaba cedo" e assim aconteceu, a minha alegria acabou. A 2 de dezembro de 2011 o meu maninho, como carinhosamente o chamava, faleceu, ainda tão pequeno e bebé. Assim ele se foi sem, pelo menos, me dizer adeus. Mas que tamanha injustiça tiraram-me o bem mais precioso.

Conformar-me com a morte? Jamais, porque o amei demais. Meu mano, por mais que estejas longe de mim, sabes que estarás sempre vivo no meu coração, jamais te esquecerei, foste um dos maiores presentes que a vida, em algum momento, me deu.



África Cuna (9.º D)

AS IDIOSSINCRASIAS DA MENTIRA

Nas últimas semanas, temos sido brindados com diversos estudos, com diversas e prestigiadas informações, sobre alguns assuntos que, muito vaga, cega e até por vezes religiosamente, são discutidos na praça pública. Devido a este triste e contraproducente "barulho de fundo", por vezes ignoramos dados e factos importantíssimos, como o que hoje considero pertinente referir, sendo regularmente levados "de arraste" por correntes de opinião que apenas conduzem ao populismo, à ignorância e à manipulação daqueles que as seguem.

Infelizmente, há que relembrar, nos dias de hoje são poucos os políticos, comentadores ou especialistas que comentam desinteressadamente o que quer que seja, pelo que é cada vez mais necessário conseguir ler nas entrelinhas de qualquer intervenção pública, conhecendo, além da tese, o orador: filtrar as informações úteis e distinguir a mensagem dos floreios que, costumeiramente, enfeitam esses discursos e, talvez o mais importante, desenvolver a nossa capacidade de raciocínio crítico e lógico.

Contudo, não será de oratória que vos falarei, mas do mais recente estudo da OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico -, publicado esta semana e dirigido aos custos da saúde e respetivo "retorno" nos seus países membros. Como já nos habituámos, muitas das conclusões daquele estudo são, eufemisticamente falando, arrojadas, face ao recente e reforçado discurso de cortes na saúde e insustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde. Perguntará o leitor: "Por que carga de água arrojados? Não será evidente a necessidade de cortes na saúde, para que se possa tratar, eficaz e condignamente, os mais necessitados e desesperados? Não é óbvia a necessidade de racionarmos tratamentos e medicamentos, face à impossibilidade da sua compra pelo Estado - que, afinal de contas, somos todos nós -? Não será, talvez, mais eficaz terminar o Serviço de Saúde, para dar lugar à escolha personalizada e individual de seguros de saúde, médicos e locais de internamento?"

Pelas conclusões do estudo, não: dos estados analisados, os Estados Unidos da América, arquétipo da liberalização dos serviços de saúde e ícone dos seus defensores, obteve o pior desempenho, tendo a sua esperança média de vida aumentado "apenas" sete anos e nove meses nos últimos quarenta anos, face aos mais de 10 anos de média no grupo em estudo. Se

este resultado já é responsável por uma dura machadada no pressuposto da superioridade qualitativa dos serviços prestados por privados, o segundo dado dá um golpe ainda mais certo no argumento monetário, ao constatar que, face a uma média de gastos anuais em saúde de 3300 dólares, os norte-americanos isolam-se no topo, com 8500 dólares por ano per capita de gastos em saúde.

Assim, e baseando-me em factos, daqueles números apenas se podem tomar duas conclusões: ou esta disparidade entre a qualidade e o preço, verificada no único país dito "desenvolvido" que não possui obrigatoriedade de existência de seguros de saúde, se deve a fatores externos, como o seriam a obesidade e o sedentarismo, ou a tendência genética da população - o que, após a exportação do american way of live um pouco para todo o mundo, me parece um argumento um tanto ou quanto dúbio - ou teremos de concordar com o inevitável: a prestação dos serviços de saúde por privados apenas conduzirá ao aumento dos lucros desses mesmos privados, sem benefício de maior para a saúde e longevidade da população - excluindo, obviamente, a fatia que auferir maiores rendimentos e cujos cuidados de saúde estarão sempre assegurados em ambos os sistemas.

Finalmente, creio ser interessante este estudo por, mais uma vez, nos provar que geralmente - para não dizer sempre - há que saber pensar de forma independente e sem estigmas. Quando crescia o número dos que apoiavam o fim da saúde pública ou mesmo a extinção do Estado Social que a Europa construiu nos últimos 50 anos, do qual nos orgulhamos e que deveria ser visto como uma das maiores conquistas civilizacionais do século passado - com todos os erros e imperfeições inerentes a tão grandiloqua obra -, este documento vem dar uma chapada de luva branca a todas estas teses de aproveitamento, insegurança e parcialidade, que espero comecem hoje mesmo a tombar, perante a hecatombe que esta publicação os levará.

Para bem da Europa e do Mundo, temos de preservar. Corrigir as imperfeições e melhorar alguns pormenores, é certo. Mas manter a sociedade de que nos orgulhamos, que faz de nós europeus de pleno direito e que faz do Velho Continente o farol que hoje ilumina os quatros cantos do mundo.

TODOS DIFERENTES, TODOS IGUAIS

56

"Todos diferentes, todos iguais." À primeira vista esta afirmação pode parecer confusa, até contraditória, mas, por mais incrível que pareça, não o é, pois a coexistência destas características é possível.

Somos "todos diferentes", pelo menos à vista desarmada. O mundo tem uma enormíssima diversidade de pessoas, costumes, línguas, crenças e culturas diferentes. Por isso é que podemos dizer que somos todos diferentes, pois convivemos com as diferenças diariamente e é muito fácil encontrar pessoas com tradições diferentes.

Somos diferentes do nosso colega, do professor, do diretor, do funcionário... São tantas as diferenças ou pessoas diferentes que nunca conseguiríamos enumerá-las todas. No dia-a-dia estamos em contacto com diferentes culturas, só precisamos de atravessar a fronteira, andar uns quilómetros ou mesmo caminhar dentro da nossa cidade.

As diferenças, por vezes, levam a desacordos, que por sua vez podem conduzir os homens a guerras, genocídios e outras atrocidades, mas deve isto ser desculpa? Certamente não.

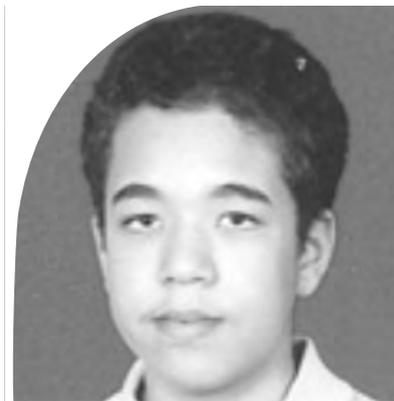
Somos "todos iguais", certo, mas como? Lá no fundo, por debaixo do que os homens, na sua ignorância, chamam de "diferenças", estão as semelhanças que nos tornam iguais.

Somos todos homens, facto inegável, seres racionais, bípedes, criativos, pensadores e reflexivos e é isso que nos torna iguais. O que é que nos torna homens? O que é que nos torna legítimos seres humanos? É a capacidade de pensar e refletir e é aí que está a nossa chave. Ninguém tem o poder de atribuir ou retirar esta capacidade, nasce connosco, como um direito de nascença, embrenhado no nosso ser como uma pedra à espera de ser lapidada e transformada em diamante.

Por isso não vale a pena usar as diferenças como desculpa para as atrocidades por nós cometidas, porque não é a cultura, credo ou língua que nos torna mais ou menos humanos, é a capacidade de pensar, pois os pensamentos e ideias de um europeu também estão ao alcance de um árabe, de um indiano, de um chinês, de um americano ou de um africano.

Daí nenhuma cultura (desde que respeite os direitos do homem) estar errada, porque dizer que uma cultura é errada é o mesmo que dizer que os homens que a criaram estão errados, mas eles são tão humanos quanto os que criaram as outras culturas. Porque os outros não estão errados também?

Concluindo, somos diferentes por fora, mas, naquilo que nos torna semelhantes, somos iguais. Devemos respeitar os outros por mais que eles sejam diferentes, não porque está escrito na constituição e em tantos outros documentos, mas porque é um dever humano respeitar os outros porque são tão homens quanto nós.



Hugo Santos (11.º A2)

A FALÁCIA QUE NINGUÉM QUER VER

58

Acima de todos os direitos, de todas as exigências e de todos os princípios, há sempre um valor mais alto que torna os primeiros possíveis: a vida. Sem esta substância metafísica, divina e insubstituível nada faria sentido, nenhuma luta seria recompensada, nenhum direito pode ser reconhecido e nenhum benefício poderá ser exigido. Sobretudo, de que nos servirá tudo possuir se não podemos, pragmaticamente, gozar desses benefícios? De nada, dirão vocês, ao que ainda acrescento que apenas aumentará o padecimento e sofrimento, já de si insuportáveis, por mitificar as diversas outras benesses que um Homem de pleno direito possuirá, por detrás de um manto de impossibilidade e eterna distância, distância não só física mas também psicológica, da que apenas é sentida pelos amantes platônicos.

Afinal, não será o ser humano um amante platónico da liberdade? Não será a liberdade absoluta uma realidade - felizmente - inatingível para o comum dos mortais? E não será o Direito à Vida a pedra basilar que, além de sustentar toda a construção da nossa atual sociedade, é também o zénite da confirmação do Direito à Liberdade?

As supra referidas questões, deixarei ao auditório a responsabilidade de responder convenientemente. Hoje pretendo focar-me numa espantosamente silenciada notícia vinda do longínquo Oriente, cuja discussão julgo ser essencial, quanto mais não seja para desmontar algumas das falácias que creio poderem levar a interpretações menos corretas.

A notícia, da qual quem segue a atualidade internacional certamente já tomou conhecimento, dá-nos conta das alterações à política do filho único introduzidas pelo Governo Chinês, permitindo um aligeiramento das medidas atualmente em vigor para efetivar o controlo da natalidade naquele que continua a ser o mais populoso país do mundo. Certamente uma razão de regozijo para os defensores dos direitos humanos, para os Ocidentais e para todo o ser humano racional - categoria da qual se autoexcluem racistas e extremistas -, esta boa nova não "caiu" como seria expectável em muitos meios sociais, políticos e económicos, cuja cegueira, decorrente, porventura, do opaco véu egocêntrico e utilitarista que enevoa toda a nossa sociedade, levou a um sub-reptício repúdio e afastamento.

A medida é, só de si, um passo de gigante para a - ainda ténue - afirmação dos Direitos Humanos neste Gigante, cujos pés de barro por decerto já concluímos tratarem-se justamente da instabilidade social e do amordaçamento de diversos direitos fundamentais da população. Posto isso, a supracitada reação não me pôde deixar mais surpreso. Contudo, após alguma reflexão, penso ser este um brilhante exemplo da influência de certos dogmas e falácias na nossa sociedade, da sua influência na opinião pública e da ação de diversos grupos de pressão na nossa enfraquecida comunicação social.

No que toca às falácias que as teses de repúdio a esta medida usam, citarei apenas as que considero mais importantes e cuja gravidade creio dever ser discutida publicamente, como ato de catarse coletiva e, quiçá, como sessão de autocorreção.

I - uma falácia ad hominem contra os chineses em geral, cuja culpa em praticamente todos os defeitos da sociedade atual os seus defensores advogam. Esta interessante falácia, semelhante em quase tudo à famosa "Facada nas Costas" advogada por Hitler, nos anos 30, quer fazer crer que a desregulação dos mercados financeiros, do capitalismo e do consumismo foi causada pelos chineses, que, assim, servem de bode expiatório para a inércia Ocidental, que durante longos anos observou, impávida e serenamente, a desconstrução de sistemas de regulação, fronteiras e taxas com centenas de anos, em troca de um engrossamento ainda mais acentuado de uma globalização que, aqui e ali, começa já a pecar por excesso.

II - uma falácia do falso dilema, na qual teoricamente o Governo Chinês devesse proceder imediatamente à total liberalização das políticas de natalidade, sem qualquer hipótese de meios-termos como os atuais, que apenas perpetuam uma "semi-injustiça". Apesar de possuir maior força argumentativa, esta falácia também incorre num desnecessário radicalismo: é óbvio que o alvo que todos louvaremos será a total descriminalização de todo e qualquer nascimento; contudo, também há que dar tempo ao tempo, permitindo ao Governo Chinês uma análise mais cuidada das consequências de tais decisões. Acima de tudo, devemos recordar que "Roma e Pavia não se fizeram num dia"!

III - finalmente, uma falácia da causa falsa, na qual se relaciona diretamente a demografia chinesa ao seu recente crescimento, prevendo-se que esta medida poderá levar ao eclipse da sociedade Ocidental, demograficamente estagnada. Esta falácia confunde, grosseiramente, as razões por detrás do recente sucesso chinês, pelo que é, quiçá, a mais perigosa. O potentado

chinês baseia-se maioritariamente nas parcas condições e trabalho e salários que a grande maioria da sua população aceita, devido ao estrito controlo e influência estatal sobre toda a opinião pública. Assim, não devemos de modo algum relacionar a demografia com este ascendente, senão numa ligação inversa: será a liberalização dos nascimentos um primeiro passo numa democratização da sociedade chinesa, que conduzirá os seus cidadãos a maiores exigências e transformará a China num país consumista e ocidentalizado? Só o futuro o dirá.

E, assim, apetrechados com argumentos desta índole e suposta inegabilidade, muitos dos supostos "defensores da democracia", da "liberdade" ou da "justiça" insurgem-se contra tamanha injustiça, falta de assertividade ou de tato, servindo-se dos meios de comunicação e informação para expressar as suas inflamadas e contraditórias teorias, sem se aperceberem que mordem os valores que dizem respeitar, negam os seus princípios e tornam-se nos seres sem coluna vertebral que, publicamente, afirmam execrar.

Já em relação aos meios de comunicação, este caso leva-me a concluir que a "pescadinha de rabo na boca" de declínio e crise em que se encontram é facilmente explicável pela estranha, pouco dignificante e infeliz mudança de um estilo de imprensa tradicional para uma abordagem mais massificada, gutural e própria de tabloide, que se operou nos últimos anos. Sedentos de lucros, um grande número de revistas, diários e até mesmo semanários optou por uma escrita mais simplificada e banal, o que, juntamente com a crescente falta de criatividade e matéria, levou ao crescente descrédito e à agonia destes tradicionais criadores e manipuladores da opinião pública, que hoje se tornaram principalmente numa montra de vaidades e num mostruário de boatos. A época da informação verídica, devidamente tratada e verificada, já era: bem-vindos aos feitos do facilitismo, da massificação da opinião e da idolatração do lucro acima até do altar da integridade, da veracidade e do trabalho duro.

Concluindo, que o texto já vai longo, esta boa notícia é um bom exemplo da podridão, cinismo e oportunismo que se apoderou da nossa sociedade nos últimos tempos e que deve ser combatida para bem de todos. Não podemos permitir que o lucro dourado de uns poucos suplante os direitos básicos de muitos outros. Não podemos deixar que se suje o brilhante e dourado ouro com o sangue de uma vida humana. Sobretudo, não nos podemos permitir ser ludibriados. Não podemos hipotecar o nosso futuro, a nossa liberdade, por palavras vãs e falsas. Afinal, não nos devemos equivocar: após os chineses, haverão outros a escravizar.

A VIAGEM DE FRANCISCA

Viajar quer dizer descobrir um novo mundo, novas pessoas, novas culturas.

Quando alguém viaja pela primeira vez para um destino, este será sempre um marco na sua vida, será um lugar onde quererá voltar. Talvez tenha sido isso que tenha acontecido a Sophia, talvez a sua primeira viagem tenha sido à Grécia e daí o desejo de lá voltar. Se Sophia se sentiu livre e com asas, como disse na carta que escreveu a Jorge Sena, quer dizer que aquele país a fez sentir com uma liberdade ("livre como um pássaro") que nunca antes sentira.

Pode dizer-se que ao viajarmos fazemos a descoberta do Outro. Mas que Outro? Será que só descobrimos um novo mundo, novas culturas? É claro que não, descobrimos também um pouco de nós mesmos. Por exemplo, eu, apesar de ainda ter uma vida curta, já viajei para muitos destinos, tais como Madrid, Sevilha, Barcelona, Paris, Londres e Maputo. Mas, de todas estas cidades, só três foram um verdadeiro marco na minha vida. O primeiro foi Sevilha, pois foi quando viajei com os meus amigos, "sem pais", e posso dizer que me senti livre. Não no sentido de sair à noite, mas antes uma especial liberdade do espírito e da mente. O segundo foi quando fui a Londres ter com uma pessoa bastante minha amiga, aí não me senti tão livre como me tinha sentido em Sevilha, talvez por o país ter muitas pessoas ou mesmo por causa do meu estado de espírito. O terceiro foi Maputo, onde cheguei de braços abertos para uma

nova vida, uma nova cultura, novos amigos, novas pessoas, isto tudo porque iria ficar aqui a morar. Infelizmente esta viagem é marcada por um regresso a Portugal. Já não vou ficar. Gostei, Moçambique é um país magnífico, onde vemos pessoas que já passaram e passam por tanto e, mesmo assim, continuam com um sorriso na cara. Espero um dia voltar cá, sinto-me bem aqui, é como se estivesse em casa.

Considero, por tudo isto, que em cada viagem descobrimos o Outro, que é, afinal, um pouco mais de nós.



Francisca Rafoa (10.º C)

UTOPIA

62

Nos dias de hoje, uma teoria com grande aceitação na comunidade científica propõe a existência de múltiplos universos paralelos, possivelmente acessíveis graças a passagens cósmicas, buracos negros ou outras "pontes" intergalácticas - ou, diria melhor, "interuniversais". Sim, de facto, esta teoria, profundamente enraizada na cultura popular como o eventual zénite da ficção científica - viagens no tempo e a velocidades próximas da da luz estão inclusas -, tem fundamentos nos principais pilares da física moderna, pós-Einstein. Ao invés, porém, da grande maioria das propostas mais utópicas com as quais a Ciência nos tem brindado, esta é mais bem-vista por homens da ciência do que pelo comum dos cidadãos.

Certamente, esta constatação poderia levar-nos a imaginar mil e um cenários diferentes e explicativos desta desconfiança popular, não fosse lembrarmo-nos da realidade com que coexistimos. E aí, de facto, facilmente percebemos que a cegueira que, neste caso, nos aflige é sistemática, afetando, transversalmente, todos os povos, culturas e sociedades à face do Globo (perdoem-me a hipérbole, mas são realmente poucas as exceções a esta triste regra).

Assim, como estranhar que o cidadão comum desconfie da existência de universos paralelos e compartimentados quando ele próprio não se consegue aperceber da exclusão a que, lenta mas inexoravelmente, se vota? Como poderemos querer que creia noutros "mundos" quando cada vez mais nos fechamos numa Singularidade Tecnológica que nos mantém instantaneamente - outra hipérbole, mas menos flagrante que a primeira - conectados ao resto do mundo, é certo, mas a um mundo crescentemente digital, virtual e cibernético?

Há 500 anos, Thomas More escrevia "Utopia" uma das obras-primas da literatura do século XVI e a principal introdutora do termo que lhe serve de título no léxico comum. Sinónimo de sonho inatingível ou irrealizável, devaneio ou quimera, não é de todo difícil encontrar discursos, ideias ou sistemas utópicos, tanto nos dias de hoje como no decorrer da história.

O interessante e curioso é a tendência que todos nós, Homens, temos de crer na sua materialização futura e credibilidade. Deste modo, apesar de tremendamente vantajoso em doses regradas, a fantasia e o devaneio são profundamente prejudiciais, especialmente para o espírito crítico, quando em excesso. Mais não seja pela tendência de se associar com a

demagogia, criando um fértil pasto para o crescimento de extremismos e radicalismos, tornando-se rapidamente numa Distopia.

Afasto-me bruscamente, contudo, do tema - e extensão - a que me propus. Consequentemente, termino a alertar para os perigos da informatização e virtualização excessiva: parecendo que nos globalizamos, estamos a ostracizar-nos. Pensando que abrimos os nossos horizontes, continuamos a estreitar o nosso "mundo" físico, em detrimento do virtual. A tecnologia é brilhante, ajuda e facilita grande parte das tarefas do nosso dia-a-dia, mas pode também tornar-se perigosa como instrumento de cisão das sociedades e de desagregação das comunidades.

Porque, acima de tudo, o virtual é deveras interessante, enriquecedor e estimulante. Mas, em caso de necessidades, ninguém comerá cassetes.



Miguel Padrão (11.º A1)

O PIOR DOS CEGOS OU A «TRISTEZA DO QUÁSI-VER»

Um texto que não é mais
que um vão conjunto de palavras
Uma narração da eterna desgraça humana

64

Cedo o sol nasceu naquela agitada manhã de primavera. Como um monge encapelado, monsieur Hubert levantou-se rápida e intempestivamente, lavou a jovial cara, vestiu o seu sobretudo de gala, mordiscou umas torradas deixadas pela namorada na torradeira ainda quente e saiu bruscamente à rua. Que tristeza, o dia só ter 24 horas. Porque não 48, 72 ou mesmo 3600, pensava enquanto descia a interminável escadaria que o separava da primeira paragem do elevador, que o faria descer mais comodamente os restantes duzentos metros. Aí, já liberto das preocupações filosóficas, Hubert já parecia outro: procurava resolver os problemas com que se depararia poucos minutos depois, na sua benfeitora "entidade empregadora". Rapidamente, atravessou os lindos e ataviados jardins, as magnânimas fontes de mármore, as luxuosas e grandiosas galerias, os agitados e apelativos cafés, as magníficas obras-primas da arquitetura barroca, renascentista ou gótica, os mais de dois mil anos de história. Sem pestanejar, sem hesitar, entrou na primeira estação subterrânea do metropolitano, apenas para emergir ao lado do seu destino, dez minutos de telemóvel depois. Dois minutos depois, exatamente três antes do início do seu horário, dava entrada no seu gabinete.

Minuciosamente cronometrado, diriam os transeuntes. De uma pontualidade britânica, comentavam os colegas. Um exemplo de aplicação e gosto pelo trabalho, pensava o patrão. Trivial, julgava ele. Afinal, não seria para se atrasar que lhe pagavam. Logo, atrasar-se seria impensável, como também intolerável. Ou não fosse ele um dos maiores privilegiados que jamais tinham cruzado aqueles corredores, olhado os velhos dossiers e as novas folhas de excelente.

Afinal, ele era um estagiário.

Não era pago para discutir, comentar, opinar ou pensar. Apenas para executar a sua auto-escravidão. Para ser um mero manga de alpaca, escriturário de terceira linha, moço de recados. Mas, no fim de contas, um dia poderia ser promovido, talvez mesmo aspirar a ser alguém. E, naqueles dias, ser alguém não era para todos. Aliás, só o era realmente para uma ínfima minoria, se excetuássemos a multidão de todos os que criam ser, mas, verdadeiramente, não passavam de meros aspirantes a algo que nunca seriam.

Naquela tarde, após terminar a sua suplicante maratona, Hubert encerrou as luzes do seu pequeno gabinete, cerrou as cortinas, terminou a sessão no seu antiquado - mas eficaz - computador de secretária, fechou a porta, rodou três vezes a fechadura e acelerou o passo para sua casa. Não fosse o jantar que tinha planeado com a noiva, ainda se manteria mais umas horas a rever previsões, corrigir estudos, prever revisões e estudar correções. Mas aquele não, aquele seria o seu dia. Ou assim pensava o nosso jovem companheiro. Mas não haveria previsão que o pudesse resgatar.

Tudo foi muito brusco. Uma garrafa de um forte espumante. Um olhar muito demorado. Uma troca de palavras muito breve. Uma chamada para o telemóvel. Uma questão de trabalho. Uma urgência inadiável. Uma saída apressada. Um beijo esquivo e fugidio.

Uma escolha irrefletida. Uma perda eterna.

Era uma bonita noite, clara e límpida, fresca e iluminada, calma mas povoada. Sim, ou não estaríamos no centro do mundo. Ou, melhor, sobre ele: do alto do apartamento de monsieur Hubert via-se toda a cidade, na sua grandiosidade, beleza e esplendor iluminado. O lento, velho e desgastado rio, cujas margens milenares eram aos poucos engolfadas pela crescente luz dos românticos lampiões, lentamente a queimarem perfumados óleos de jasmim e azevinho e a inundarem o ar de odores. O amarelo e degradado panteão, tão abandonado como as parcas ossadas que ainda abrigava e que protegia da mais que certa profanação que os teria acometido se fora dele estivessem. A decrépita catedral também se inclinava sobre o rio, procurando beijá-lo, num beijo de Narciso que daria às suas pedras carcomidas um descanso final. Fora isso, tudo se agitava, tudo berrava, tudo se movia, todos pareciam preparar-se para morrer no dia seguinte - ou viver para sempre -, mas aos olhos de Hubert nada mais importava que o lânguido rio, a triste catedral e o soturno panteão - nada mais fitava, nada mais o distraía, mais nenhuma visão o acalmava.

Sete anos depois, ainda se relembra da sua triste história. Do seu amor impossível. Do azar por detrás da sorte que o perseguira sempre e que lhe impossibilitara ser feliz. Isolado no

topo do mundo, apenas viu o que os seus braços olhos lhe apontavam. O que a sua turva vista já não discernia, o que o seu coração não esquecera, mas que era tarde para retomar. Ou talvez não. Afinal, como se de um cão se tratasse - e mais não seria, certamente - esses sete anos tinham custado sete décadas a passar. O peso dos anos encurvava-o, mais do que a qualquer velho de rugas sulcadas na face, mais do que qualquer artrose poderia vergar, mais do que algum peso alguma vez pudera travar.

Chegava-lhe. O reencontro sempre seria possível, numa ou noutra paragem, numa ou noutra existência. E aquela, bastava-lhe. Fartava-o. Prendia-o. Não lhe permitia ser em toda a sua substância, fruir de todos os momentos. Não lhe permitia ver para além da baça refração da sua própria desgraça

Sete anos depois, apenas a torre, o seu apartamento, o frio metal dos pilares, o prendia à sua existência terrena. E cedo o desprenderam. Pendurada que estava a sua alma, pendurado ficou o seu corpo. Para, tal qual um pêndulo, oscilar com a avareza que lhe tirara a essência.

Até hoje, ninguém ousou retirar o corpo.



Miguel Padrão (11.º AI)

TRATADO DA ARTE DO AMORFISMO A TODA A CALMA - O ESTUDO DOS LIMITES DA PACIÊNCIA INFINITA

67

Há precisamente oito meses, realizaram-se, rodeadas de euforia e satisfação, as primeiras eleições para a Associação de Estudantes da Escola Portuguesa de Moçambique- Centro de Ensino e Língua Portuguesa, de que tenho memória. Não tendo sido, certamente, as primeiras, a sua realização permitiu, no entanto, a quebra de um infeliz hiato na vida da cidadania ativa da nossa escola.

Assim, apesar de todos os constrangimentos que dificultaram a consumação de uma campanha eleitoral digna e complicaram a efetivação do voto e a familiarização dos alunos com os planos eleitorais das diferentes listas concorrentes, não posso, de modo algum, deixar de considerar estas votações um gigantesco sucesso. Um sucesso porque imbuíram a escola de um espírito de competição saudável entre listas que apenas queriam - suponho eu - o mandato para poderem efetivar a sua visão do que seria melhor para os alunos e para a instituição. Um sucesso porque ajudou os alunos a sentirem o que é realmente uma democracia, o que é lutar pelas suas ideias e princípios, o que é ter uma palavra a dar na sua governação, poder influenciar com o seu voto os órgãos que irão reger parte da sua vida no ano letivo seguinte. Finalmente, um sucesso, graças à cooperação de ambas as coordenações pedagógicas de ciclos, de todos os concorrentes e da generalidade dos envolvidos no processo, facilitando o que, pela morosidade e complexidade, poderia ter tido um desfecho bem menos gratificante.

Se na campanha ocorreram imprevistos, ocorreram. Se espero que, no corrente ano, a calendarização das eleições seja efetuada de modo a não coincidir com o fim do ano letivo, espero certamente que sim. Se penso que neste ano se deve dar mais tempo à discussão de ideias, em vez de se cair numa pouco produtiva competição de popularidade e distribuição de benesses, penso. Se desejo que a próxima campanha ultrapasse o estado de um almoço em formato buffet, ao ar livre e com música ambiente, desejo.

Contudo, primeiro há que certificarmo-nos de que estas eleições, esta campanha se virá a realizar de novo. O que, aliás, começo a recear não vir a ocorrer: sem querer cair no histerismo, considero alarmante a situação da Associação de Estudantes (AE) para a formação da qual tantos alunos trabalharam, incansavelmente, durante mais do que um ano.

Oito meses. Duzentos e quarenta dias. Praticamente o tempo de gestação do ser humano. Oito meses depois, o que fez esta direção da AE pelos alunos da escola? Nada. O que mudou na relação entre a escola e os alunos? Zero. Quantas promessas eleitorais foram cumpridas? Nenhuma. Quando foi convocada uma reunião da Assembleia Geral de Alunos? Nunca.

O que foi feito neste meio ano útil que, entretanto, passou? O que distingue, atualmente, a Associação de Estudantes da Comissão de Finalistas, quando os estatutos da primeira preveem, justamente, que os papéis de ambas jamais se fundam?

Sinceramente, não creio sequer que os membros da direção da AE acreditem na sua capacidade para alterar o rumo da situação. Desconfio até que não tenham qualquer interesse em fazê-lo; caso contrário, não teriam transformado o órgão para o qual foram eleitos num clube privado de amigos. Não teriam prometido um jornal que nunca mais materializaram, seja por falta de capacidades, seja por pura falta de vontade.

Não se pretende que os alunos se dediquem a tempo inteiro aos seus cargos ou não fosse a sua profissão a de estudante. Não obstante, exige-se que estes possuam a responsabilidade para cumprir a palavra dada ou enfrentarem as consequências dos seus atos. Exige-se que tenham mais dinamismo que o fardo de palha em que transformaram um órgão fulcral na comunicação entre os alunos e a restante comunidade escolar. Exige-se, acima de tudo, que tenham vergonha.

Posto isto, apelo-vos: não se humilhem, não descredibilizem o cargo para o qual foram eleitos, não vexem todos os que votaram em vós. Não continuem este aborto, não afundem, irremediavelmente, a única Instituição que vos, nos representa!

Obviamente, demitam-se!

O DIA DA MUDANÇA

Passam-se os anos, passam-se as décadas, passam-se as gerações e nada. Ou, quando algo, pior. É impressionante, mas tristemente verdadeira, a constatação do aumento do consumo de estupefacientes, álcool e tabaco pelas camadas mais jovens da sociedade, mesmo após 10, 11 ou 12 anos de "formatação" para os perigos que daí advêm. Centenas de horas, milhares de euros e milhões de vidas depois compreende-se que os atuais programas de prevenção estão em perigo de se traduzirem num retumbante fracasso, que poderá, na pior das hipóteses, clamar uma generosa fatia do espectro social.

De quem é a culpa? Dos fracassados programas de prevenção? Da abordagem dos ditos "especialistas"? Da falta de objetivos de vida por parte dos jovens? Da educação e formação que competiria, principalmente, aos pais dar? Da crescente pressão de grupo, por parte de amigos e conhecidos, num desastroso efeito dominó? Ou, puramente, da normalização de tais atos na comunicação social, em espaços públicos e nos restantes locais de mais fácil acesso por parte dos jovens?

Muito embora nos encontremos rodeados de ruído de fundo, de falsas premissas e de interesses sub-reptícios, urge refletir sobre esta problemática, sob perigo de nos tornarmos, inexoravelmente, um queto de vícios e de desperdiçarmos todo o potencial de uma geração.

Deste modo, podemos desde já aferir que os eventuais culpados se dividem em três grupos: os próprios adolescentes, a família e as restantes instituições da sociedade. Também facilmente se concluirá que nenhum dos três pode ser visto como uma esfera isolada, mas, sim, todos devem ser melhorados, alterados e reforçado como parte das indissociáveis esferas que compõem a formação física e psicológica dos jovens.

Assim, visto que muito facilmente se pode confirmar a complexidade da tarefa - verdadeiro ato hercúleo nos dias de hoje -, devemos passar à discussão dos motivos desta, aparentemente, imparável perdição. E aqui, facilmente, surge uma miríade de fatores, já acima referidos sob forma de questão, mas que não custam repetir e especificar.

Primeiramente, há que culpar a apatia dos governos e governantes nacionais e locais, cuja preocupação com a gritante situação beira o nulo e cujos planos de combate a tal flagelo são

inexistentes. Infelizmente, observa-se que há quem se deite descansado, sabendo que a sua inércia pode estar a custar diversas vidas humanas diariamente. Contudo, a responsabilidade governamental deve ser mínima, em particular quando comparada com a "Trilogia Trágica" que, de seguida, enuncio e cujo fracasso põe em causa todo o combate a esta aterradora praga.

Jovem, Família e Escola. Sem estes três elos, todo e qualquer esforço para melhorar a situação em causa - aliás, todo e qualquer esforço para corrigir qualquer falha que o processo de crescimento invariavelmente implica - será, certamente, inglório. Isto, antes de cair no caixote do esquecimento absoluto, como, aliás, caem todos os que, com ele, não conseguem lidar.

O Jovem, como foco e interessado, é o primeiro e mor cavaleiro no nosso tabuleiro. É ele e só ele que poderá saltar sobre o inimigo que a ameaça tragar; é ele e só ele que pode, independentemente, determinar o sucesso ou insucesso da terapia. Logo, a sua força de vontade é, certamente, o maior e mais importante ingrediente na receita a preparar. Principalmente, é ele que deve tomar, de forma independente - se bem que com apoio - a decisão final. Sem ela, todo o esforço das mais diversas entidades, pessoas ou instituições será infrutífero. Mas, regra geral, esta força de vontade, perseverança e noção do moral ou imoral e do certo ou errado não nasce por geração espontânea, necessitando o jovem em questão de um imenso apoio exterior, que apenas a Família poderá conceder. Infelizmente, não são incomuns os casos de jovens que, por culpa própria ou por fatores extrínsecos, se afastam dos membros do seu núcleo familiar ao ponto de inviabilizar qualquer diálogo. Aqui está a crítica que dirijo aos pais, tutores e encarregados: não permitam esse cisma! Mantenham ativos os laços com os vossos filhos! Não se apartam da sua vida - pessoal e escola - ao ponto de aparentarem não possuir qualquer interesse nos Homens e nas Mulheres que trouxeram ao Mundo! Acima de tudo, dialoguem, mantenham abertas todas as portas de entendimento, procurem um espírito aberto e suficientemente liberal para não restringir algumas das vontades dos vossos filhos! Afinal, acima de tudo, há que tolerar o próximo se desejamos ser tolerados por ele. E, como diz o ditado popular, "O fruto proibido é sempre o mais apetecido": restrições infundadas e sistemáticas podem levar a um afastamento e à procura de caminhos alternativos - em regra, mais perigosos - por parte do adolescente, cujo espírito de desafio da autoridade imposta está mais ativo do que nunca.

Finalmente, a Escola. Que, mais do que grandes alunos, se deve preocupar em formar grandes Homens: mais do que mestres em álgebra, física ou gramática, é primordial formar em

todos os alunos uma consciência moral forte e independente. Aliás, resumindo, há que formar cidadãos com capacidade de livre-arbítrio, ao invés de focar os seus esforços na formação de frios técnicos, advogados sem ética ou médicos sem moral. E, neste tema, a Escola também tem um importante contributo a dar. Não só punindo exemplar - mas justificadamente - os transgressores, mas também reforçando o papel na formação moral dos seus alunos e tentando reforçar ao máximo os vínculos com os encarregados de educação e pais, com o único objetivo de fortalecer o "guarda-chuva" protetor de que todo e qualquer jovem necessita ao longo do seu projeto de crescimento, sem, no entanto, tentar virtualizar e resguardar excessivamente o jovem, mas, sim, concedendo-lhe o devido espaço para crescer e desenvolver todo o seu potencial.

O melhor caminho para o coração é a mente; neste caso, passa-se o mesmo. A força bruta, extorsão ou o condicionamento das escolhas jamais permitirão combater, efetivamente, este monstro. Só o diálogo e a concórdia, de parte a parte, poderão resolver este flagelo, antes que tome proporções inimagináveis. Temos de começar, urgentemente, esta mudança, sob pena da nossa negligência ser a coveira da esperança e da alegria desta geração.

Ontem, ontem já era tarde!



Miguel Padrão (11.º AI)

O SONHO

- Dá-me uma folha, uma folha de papel!

Mas que pleonasmo mais exagerado, parece o meu avô Joaquim a dizer que subisse a escada acima, logo encontraria, saído dum envelope, o recibo do pagamento da luz. Eu, deitado no sofá, recusei o pedido. Mas o olhar sério que me lançou conseguiria convencer qualquer homem no mundo a fazer um favor seu, por mais ridículo que fosse. Subi as escadas que rangiam ao ínfimo toque. Faziam uma algazarra semelhante à zaragata ocorrida no dia anterior, quando o mercador discutia com um dos seus clientes o preço do tomate.

Na última escada, um som diferente começara a pairar no ar. Ouvi com os olhos. Era possível ver o som, tinha muito fogo e cheirava a mofo, havia uma oval preta no meio, espreitei mais ao fundo. Era indescritível a exuberância do lugar observado.

Sentia o cheiro a alegria, campos cobertos de relva verdejante, com belos animais, de pequenos esquilos a grandes zebras. O que por ali não faltava eram flores, vários tipos de flores. E havia um monte. No sopé, avistavam-se árvores das mais variadas espécies, entre o cume e o sopé, névoa branca como a escuridão e escura como a luz.

No cume do monte, esplendorosamente, gloriosamente e majestosamente, apareceu o sonho.



Guilherme Pessoa (7.º A)

POESIA VISUAL



Porque a poesia dirige-se a todos os sentidos...

73



Líria Thorogood (10.º A2)



Vanessa Jonas (10.º A2)



Sandra Marques (10.º A2)



Mónica Barbosa (10.º A2)

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO

Dina Trigo de Mira

COORDENAÇÃO EDITORIAL

António Lopes

LAYOUT E PAGINAÇÃO

Diana Manhiça

EDIÇÃO

Núcleo de Informação e Comunicação

IMPRESSÃO

EPM-CELP/Oficina Didática

2016

Av. do Palmar, n.º 562 . Caixa Postal 2940 . Maputo - Moçambique
Tel: 00 258 21 481300 . Fax: 00 258 21 481343
E-mail: info@epmcelp.edu.mz . www.epmcelp.edu.mz



ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA